

Agradecimentos

A realização do presente trabalho exigiu um enorme esforço, empenho, dedicação e abdicção de inúmeras coisas. É com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível.

Às minhas orientadoras, Doutora Gracinda Hamido, Mestre Helena Luís e Mestre Isabel Piscalho, pela dedicação, empenho e disponibilidade com que acompanharam o decorrer dos estágios e a elaboração deste relatório, pelos comentários e sugestões referidas que foram cruciais para a elaboração do mesmo.

Ao meu marido e filha por todo o seu amor, incentivo e compreensão por todas as minhas ausências.

Aos meus pais pelo seu amor incondicional a quem devo aquilo que sou.

A todos os meus familiares e amigos, pelo apoio que me deram, pela motivação e força nos momentos mais difíceis, deste meu percurso.

À minha colega de estágio Ana Margarida pelas horas que passamos juntas, pelas experiências que partilhamos e pelo apoio no decorrer desta nossa aventura.

A todos aqueles que de uma forma direta, ou indireta tiveram sempre uma palavra de carinho e incentivo em todos os momentos desta jornada.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O presente trabalho enquadra-se no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância que compõe este Mestrado em Educação Pré-escolar centrando-se no enfoque da intervenção educativa levada a cabo nos estágios realizados nos contextos de creche e jardim-de-infância e na questão que emergiu da prática pedagógica, a partir da qual foi realizada a investigação-ação referente à estimulação desenvolvida pelo educador durante a realização das atividades dirigidas. No decorrer deste percurso foram realizadas várias pesquisas recorrendo a autores de referência pedagógica que sustentam o percurso de desenvolvimento profissional e a investigação realizada, que integram este relatório.

Palavras-chave: educação-pré-escolar, educador, envolvimento, desenvolvimento.

Abstract

The present work has as its framework the curricular subject of Pedagogical Practice in Childhood Education, an element of this Master's degree in Preschool Education. It focuses on the interventional education applied to day care and nursery school internships and on the issue that emerged from the pedagogical practice which led to the action-research concerning the stimulation developed by the educator during the performance of the directed activities. During this course, several researches were carried out, using authors of pedagogical reference that sustain the path of professional development and the performed research, which are part of this report.

Key-words: preschool education, educator, involvement, development.

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice.....	IV
Introdução.....	1
Parte I.....	3
1. Contextos de Estágio	3
1.1. Caracterização do Contexto de Creche	3
1.2. Caracterização do Contexto de Jardim-de-Infância	8
2. Percorso de Desenvolvimento Profissional.....	13
2.1. Autoavaliação/autodiagnóstico	13
3. Percorso Investigativo	25
Parte II.....	28
1. Questão de pesquisa e metodologia de trabalho adotada.....	28
2. Enquadramento teórico	31
3. Apresentação e análise dos dados.....	37
3.1. Síntese e considerações.....	42
Reflexão final.....	45
Bibliografia.....	48
Anexos	50

Índice de anexos

Anexo I – Grelha de dados referentes ao envolvimento das crianças e empenhamento do adulto.....	51
Anexo II – Grelha de Avaliação do Envolvimento das Crianças	53
Anexo III – Atividade nº 1: Observação de Sementes ao Microscópio	55
Anexo IV – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 1.....	61
Anexo V – Atividade nº 2: História “O Nabo Gigante”	64
Anexo VI – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 2.....	69
Anexo VII – Atividade nº 3: Visualização do Filme “Gerónimo Stilton ajuda a salvar o Planeta”	72
Anexo VIII – Avaliação do Envolvimento das crianças na Atividade nº 3	78
Anexo IX – Atividade nº 4: Construção de um Forno Solar	81
Anexo X – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 4.....	87
Anexo XI – Atividade nº 5: Peça de Fantoques “Olha o que eu encontrei”	90
Anexo XII – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 5.....	93
Anexo XIII – Peça de Fantoques “Olha o que eu encontrei”.....	95

Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância que compõe este Mestrado em Educação Pré-escolar na qual foram realizados dois estágios de supervisão da prática pedagógica nos contextos de creche e jardim-de-infância.

Como finalidades deste relatório destacam-se as descrições das vivências mais significativas da intervenção educativa, através do recurso a pesquisas bibliográficas e tendo em conta o suporte que a licenciatura e as unidades curriculares deste mestrado trouxeram para a realização do mesmo, de forma a articular a teoria à prática de forma sustentada, visando proporcionar uma educação de qualidade nos respetivos contextos de estágio. Tal como refere Oliveira-Formosinho (2007) “preconiza-se a instituição de um quotidiano educativo que conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, não à espera de ser pessoa, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade” (p. 27).

No decorrer dos estágios realizei várias reflexões que auxiliaram na elaboração deste relatório, dado que constituem evidências que permitem registar o percurso de aprendizagem e avaliar o processo de construção da profissionalização. O estágio é uma fase de experiência, reflexão e reformulação, de forma a construir saberes necessários ao exercício profissional. Nesta fase da formação inicial de educadores é possível ter uma apreensão holística da realidade educativa, das dificuldades diárias e dos princípios e regras que envolvem a profissão. A realização destes estágios permitiu-me conhecer estes dois contextos educativos, os seus métodos educativos que constituíram um conjunto de experiências que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional.

Tendo em conta que o relatório deve proporcionar uma visão alargada das diferentes componentes do trabalho pedagógico desenvolvido pelo estagiário durante a sua prática, o corpo estrutural deste divide-se em duas partes. A primeira parte é consagrada à contextualização da prática profissional contendo a caracterização dos estágios realizados em contexto do creche e de jardim-de-infância dando conta do percurso de desenvolvimento profissional ao longo dos mesmos. A segunda parte deste relatório faz referência ao estudo desenvolvido referente à estimulação desenvolvida pelo educador durante a realização das atividades dirigidas, sendo esta

uma questão que emergiu da minha prática educativa. Neste ponto enunciam-se a questão de partida e os objetivos a atingir, caracterizam-se os sujeitos do estudo, justificam-se as técnicas de investigação utilizadas bem como os procedimentos de realização do estudo. Consta o enquadramento teórico que serviu de suporte para a minha investigação, seguindo-se a apresentação e análise dos dados e as implicações do estudo para a minha prática profissional. O presente trabalho culmina com uma reflexão final sobre todo o percurso desenvolvido ao longo deste mestrado e a bibliografia que serviu de suporte a este relatório.

Parte I

1. Contextos de Estágio

1.2. Caracterização do Contexto de Creche

O meu estágio em contexto de creche realizou-se numa IPSS (Instituição Particular de Solidariedade), localizada na zona de Santarém e sem fins lucrativos. O seu principal objetivo é a prática da solidariedade social.

Estagiei na sala de um ano com um grupo constituído por dezasseis crianças, sete meninas e nove meninos, com idades compreendidas entre os nove e os vinte e um meses. As crianças na globalidade eram todas alegres, não havendo expressões de tristeza muito exuberantes, choros e conflitos na sala, havendo apenas alguns momentos nos quais senti que as crianças estavam mais aborrecidas, sendo estes normalmente antes do período do almoço.

O Projeto Pedagógico de Sala é realizado de acordo com o Projeto Educativo da Instituição, cujas finalidades são as de desenvolver uma ação pedagógica centrada nos valores, em proporcionar à criança a realização de atividades de forma a trabalhar todas as áreas de conteúdo, respondendo às necessidades dos grupos de crianças e consequentemente educando para a vida. Ambos os projetos visam promover a colaboração da família na vida da instituição.

O Projeto Pedagógico da sala tinha como tema “A brincar conheço o que me rodeia”, e ao elaborarmos o nosso projeto, eu e a minha colega de estágio, tentámos ir ao encontro do que a educadora cooperante pretendia desenvolver com as crianças no seu projeto pedagógico, de forma a podermos articular com o nosso projeto, e daí surgiu o nosso tema: “Explorar o que me rodeia”.

“O Projeto do educador é um projeto educativo/pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem de um grupo.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 44)

Quando falamos em explorar o que nos rodeia pretendemos estimular a curiosidade das crianças de forma a que estas realizem aprendizagens promovendo o seu desenvolvimento, permitindo-lhes o contato com o que lhes é mais familiar. Desta forma pensámos, para o nosso projeto, trabalhar com as crianças: a cor, os sons, as

texturas, o reconhecimento das diferentes partes do seu corpo, a motricidade, os frutos, os animais, a higiene e o reconhecimento dos vários objetos presentes no ambiente educativo de forma a que o seu crescimento se faça sentir num ambiente educativo de qualidade. Os conteúdos trabalhados foram articulados e alguns deles sugeridos pela educadora cooperante, uma vez que constavam da sua planificação anual. Procurámos sempre que as crianças experienciassem novas sensações e emoções através da livre exploração de materiais presentes nas atividades que nós, estagiárias, propúnhamos realizar com as mesmas. De salientar que os momentos de carinho, afeto e atenção a cada criança devem estar sempre presentes em qualquer momento do dia. A partilha e a socialização entre criança / criança e criança / adulto são fundamentais para o seu desenvolvimento e crescimento saudável.

Para a realização do nosso projeto baseamo-nos no Manual de Processos Chave – Creche (Instituto da segurança Social, 2005) e nos dez princípios educativos para creche de Mena e Ayer (1989, citados por Gabriela Portugal, 2000).

Segundo o Manual dos Processos Chave da Creche (ISS, 2005, pp.101-102) “(...) a elaboração do Projeto Pedagógico para cada grupo de crianças deve ser adequado em termos linguísticos, sociais e culturais, procurando reconhecer as crianças como seres únicos e individuais.

O estabelecimento educativo, ao estruturar e planificar o conjunto de atividades a realizar por cada grupo de crianças pertencentes a uma sala, deve ter em atenção os seguintes princípios/regras:

- Promover um conjunto de cuidados, de forma equilibrada e adequada ao nível da segurança, higiene e nutrição, promotoras do desenvolvimento global das crianças;
- Desenvolver condições adequadas de acordo com as características individuais de cada criança, recorrendo a diferentes estratégias tais como a experimentação, a inquirição e a observação de atividades/brincadeiras;
- Encorajar as crianças a explorarem o meio que as rodeia (aprender as funções dos objetos, a classificar objetos em grupos, a experimentar novos espaços e novos materiais, a colocar questões sobre o que as rodeia, a manter conversações com os colaboradores, a descobrir novas áreas como a linguagem e a desenvolver atividades criativas);
- Procurar promover um ambiente seguro e promotor do desenvolvimento de atividades/brincadeiras de exploração motora e sensorial por parte das crianças;

- Procurar assegurar, de forma equilibrada e adaptada às competências das crianças, ocasiões de brincar no interior e exterior do estabelecimento;
- Estabelecer um equilíbrio entre as interações individuais, em pequeno e grande grupo e as rotinas da sala;
- Os cuidados pessoais de cada criança (alimentação, descanso, saúde, higiene) que devem ocorrer de forma individualizado e, sempre que possível, dentro de um horário que permita a criação de rotinas e de comportamentos de autorregulação por parte de cada criança:
- As atividades/brincadeiras planificadas e espontâneas;
- Os interesses e competências individuais de cada criança.
- Promover a participação ativa da equipa de sala e da família na sua conceção, implementação, avaliação e revisão;
- Promover a participação ativa das crianças, encorajando o desenvolvimento da sua autonomia, independência, capacidade de escolha, de experimentar novos desafios e de autoexpressão”.

Também Portugal (2000, citando Mena e Ayer,1989) enuncia dez princípios que qualquer educador deve ter em conta na sua ação educativa, os quais considerámos pertinentes para a elaboração do nosso projeto:

- “- Princípio 1 – envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito;
- Princípio 2 – Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças;
- Princípio 3 – aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas;
- Princípio 4 – Investir tempo e energia para construir uma pessoa “total”;
- Princípio 5 – Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos;
- Princípio 6 - Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças;
- Princípio 7 – Modelar os comportamentos que se pretende ensinar;
- Princípio 8 – Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades;
- Princípio 9 – Construir segurança ensinando a confiança;
- Princípio 10 – Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais”.

Através das atividades que realizámos em que a planificação foi o suporte para as mesmas, julgo termos conseguido alcançar os objetivos a que nos propusemos nos

diferentes domínios sociopedagógicos referidos no Manual de Processos Chave – Creche (ISS, 2005, p.103):

- Desenvolvimento motor (desenvolvimento da motricidade fina e grossa);
- Desenvolvimento cognitivo (principalmente as áreas relacionadas com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, o pensamento lógico-matemático e científico);
- Desenvolvimento pessoal e social;
- Pensamento criativo através da expressão corporal, da música, da arte, das atividades visuo-espaciais.

Na globalidade as crianças reagiram bem às atividades que foram propostas e através da sua participação nas mesmas, dos diálogos estabelecidos e dos registos pictográficos, consegui perceber que estas se envolveram nas atividades e conseguiram realizar as aprendizagens a nível social, físico e cognitivo a que nos propusemos, sendo que as rotinas constituíram a base de toda a intervenção educativa neste contexto.

A rotina diária na creche é muito importante, uma vez que proporciona à criança uma sequência de acontecimentos que ela segue e compreende, ou seja, oferece-lhe uma estrutura de acontecimentos do dia. Deve ser consistente, permitindo que a criança antecipe os acontecimentos que se vão seguir, sendo uma estrutura de segurança para a criança. A rotina diária apoia a iniciativa da criança e promove a sua autonomia.

Na creche as rotinas de alimentação, sono higiene e jogo, constituem-se como “eixos globalizadores” em torno dos quais se procura articular a ação educativa na creche, proporcionando às crianças oportunidades ricas para a compreensão do funcionamento do mundo que a rodeia, desenvolvendo uma maior facilidade de regulação do seu comportamento. As rotinas proporcionam conforto e estabilidade psicológica e emocional na criança, quer seja na hora de almoço, de lanche, da sesta, de brincar ou de regresso de uma pessoa que lhe é querida, normalmente o pai ou a mãe. A criança sente confiança no adulto para lhe proporcionar aquilo de que necessita.

“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o

quotidiano habitual.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,1997, p.40).

A observação da criança na educação para a 1ª infância tem que ser diária, centrar toda a atenção no ritmo biológico da criança e observar todas as suas aquisições e aprendizagens, dando sempre um *feedback* do dia da criança aquando da chegada dos pais. A avaliação é feita através de observação direta e indireta, grelhas de observação, registos fotográficos, entre outros (Projeto Creche Educação Para a Primeira Infância, 2009, p.70).

Segundo o Manual de Processos Chave – Creche (ISS, 2005, p.99) o projeto pedagógico deve ser avaliado e revisto regularmente com a participação de todos os intervenientes, semestralmente ou sempre que necessário, devendo ser considerados os seguintes elementos: avaliação dos planos de atividades de sala, avaliação dos planos de desenvolvimento individuais de cada criança, informação proveniente da avaliação da satisfação das famílias, crianças e colaboradores e informação dos resultados da supervisão efetuada aos serviços prestados. No final deve ser elaborado um relatório com os resultados desta avaliação.

Neste contexto, o educador deve criar um clima de comunicação onde a linguagem deste serve de modelo de interação e aprendizagem das crianças. Tem que prestar apoio individualizado a cada criança e organizar o contexto educativo de forma motivadora e adequada à idade das crianças e deixando que estas aprendam através da sua própria ação. A aprendizagem ativa estimula a imaginação e incentiva a criança a ter uma boa imagem de si própria. As atividades e experiências devem ser adequadas ao nível do desenvolvimento e necessidades das crianças dando o tempo necessário a cada criança para experimentar, comparar, combinar os materiais, estabelecer contacto com os outros promovendo o desenvolvimento da sua autonomia. O acolher as crianças estabelecendo relações afetuosas construindo um ambiente seguro é fundamental para que estas se sintam confiantes e seguras sentindo o espaço educativo como sendo uma continuação do ambiente familiar.

1.2. Caracterização do Contexto de Jardim-de-Infância

O meu estágio em contexto de jardim-de-infância realizou-se num jardim-de-infância pertencente à rede pública de estabelecimentos de ensino do Ministério da Educação na zona de Santarém.

A sala onde estagiei compreendia um grupo de crianças heterogéneo, constituído por dezoito crianças, oito do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

De salientar que no jardim, as crianças valorizavam muito os momentos de brincadeira no exterior, uma vez que o espaço exterior é muito agradável e apelativo para as crianças que frequentavam o jardim. Na sala as crianças manifestavam interesse em frequentar as áreas e em realizar trabalhos em grande grupo.

O Projeto Curricular de Grupo visava trabalhar o tema do Eco-escolas, prioridade do agrupamento para todos os jardim-de-infância pertencentes ao mesmo, sendo que, o jardim-de-infância trabalhou em simultâneo o tema eco-escolas com as questões relacionadas com a horta, uma vez que existia uma horta no mesmo, que foi realizada em conjunto com as crianças e com os pais, promovendo desta forma a participação dos pais no contexto educativo dos seus filhos.

Para elaborarmos o nosso projeto, eu e a minha colega de estágio dialogámos com a educadora cooperante acerca do que pretendia desenvolver com as crianças no seu projeto curricular, de forma a podermos articular com o nosso projeto, e daí surgiu o nosso tema: “Eu e tudo o que me rodeia”. Para desenvolver o tema do nosso projeto considerámos pertinente trabalhar com as crianças os temas: Ciclo da água, Tradições do Ribatejo (folclore e tourada), Profissões, Educação para o Consumo (formas de poupar a água e eletricidade e algumas energias renováveis), Educação Ambiental (a horta, ciclo de vida da planta, reciclagem), e a Exploração Artística (histórias com fantoches e flanelógrafo, dramatizações e dança), tendo em conta os conteúdos que a educadora cooperante pretendia trabalhar até ao final do ano letivo.

Assim valorizámos, promovemos e desenvolvemos com as crianças diversas aprendizagens nas diferentes áreas de conteúdo e respetivos domínios não esquecendo a sua transversalidade, as quais enuncio:

Área da Formação Pessoal e Social

- Saber aplicar conhecimentos a novas situações,

- Curiosidade,
- Desejo de aprender,
- Atitude crítica,
- Predisposição para aprender a aprender,
- Atitude positiva face à escola,
- Possuir atitudes positivas relativamente a temas como a Educação Ambiental, a Educação para a Saúde, Educação para o Consumo, Educação para os Afetos.

Área da Expressão e Comunicação

Linguagem oral

- Prestar e distribuir a atenção simultaneamente por pessoas e objetos,
- Estabelecer relações com pessoas diferentes,
- Pensar as palavras enquanto unidades linguísticas que fazem parte de frases,
- Raciocinar sobre a sintaxe dos enunciados verbais e controlar de forma deliberada, o uso das regras de gramática,
- Apropriação de regras de uso da língua em que comunica,
- Compreender o papel das pessoas como agentes sociais,
- Antecipar o que vai acontecer,
- Analisar e manipular segmentos sonoros de tamanhos diferenciados como rimas, sílabas ou fonemas que integram as palavras.

Abordagem à escrita

- Estar atenta à escrita envolvente, procurando ativamente atribuir-lhe significado e reconhecendo algumas palavras em contexto,
- Ouvir atentamente e com prazer histórias, rimas, poesias e outros textos, extraindo as suas ideias principais, fazendo comentários e/ou levantando questões em relação ao que ouviu,
- Distinguir o código escrito de outros códigos identificando algumas das suas características e utilizando-os de modo adequado e contextualizado,
- Mobilizar diferentes funções da linguagem escrita, tanto na resolução de situações reais como em situações de jogo e brincadeira.

Matemática

- Estabelecer a correspondência um a um,
- Perceber que a sequência está organizada segundo uma ordem,
- Identificar o último termo da contagem com o número total de objetos,

- Agrupar objetos pelo reconhecimento das suas propriedades,
- Compreender a sua funcionalidade para que servem e como se lêem,
- Interpretar e saber utilizar termos específicos para a localização executar ações associadas,
- Desenvolver o cálculo mental e compreender o sentido das operações,
- Saber realizar cálculos por contagem,
- Promover a verbalização do que pensam, fazem e o que fizeram,
- Efetuar transformações geométricas.

Motora

- Ser capaz de se orientar no espaço tendo como referencia o seu próprio corpo,
- Manipular diversos objetos, arremessar e receber,
- Realizar exercícios de motricidade fina e destreza manual.

Dramática

- Ser capaz de criar, recriar e imaginar,
- Criar situações de comunicação verbal e não-verbal,
- Saber tomar decisões em conjunto respeitando o outro,
- Interagir e saber estar em grupo numa relação de cooperação e interajuda.

Musical

- Explorar a sonoridade de objetos e instrumentos musicais,
- Reproduzir e identificar sons usuais da natureza, de animais, de objetos, factos e fenómenos humanos da vida quotidiana.

Plástica

- Saber utilizar e aplicar diferentes técnicas de expressão criativa, artística e estética.

Área do Conhecimento do Mundo

- Através da experimentação, compreender a complexidade e a beleza da natureza que nos rodeia,
- Aplicar um espírito científico e desenvolver aprendizagens neste domínio,
- Compreender o ciclo da água,
- Apresentar atitudes de respeito, cuidado e usos adequados dos recursos naturais,
- Iniciar a compreensão racional e científica dos fenómenos naturais,

- Conhecer a utilidade e a importância da água para a vida do planeta terra,
- Apresentar atitudes de poupança de energia,
- Comparar o processo de germinação de sementes distintas e o crescimento das plantas,
- Distinguir as diferentes partes de uma planta,
- Apresentar atitudes de poupança de energia,
- Progredir nos conhecimentos/compreensão de alguns dos fenómenos atmosféricos naturais.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) o educador deve ter em conta, na construção do projeto curricular, o grupo, ou seja partir sempre dos interesses e necessidades de cada criança, tendo em conta o seu contexto familiar e social. Deste modo, “o educador deve organizar e planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras de modo a interessar e a estimular cada criança.” (OCEPE, 1997, p.26).

Ambicionámos com o nosso projeto não só trabalhar as aprendizagens curriculares pretendidas mas também incentivar as crianças a olhar ao seu redor e explorar tudo o que as rodeia, estimulando-as pelo gosto de descobrir e experimentar, de forma a realizarem diversas aprendizagens relevantes para o desenvolvimento global das mesmas.

No decorrer do estágio procurámos desenvolver os temas propostos por nós, mas também aceder às ideias propostas pelas crianças. Permitimos sempre que as crianças experienciassem novas sensações e emoções através da livre exploração de materiais presentes nas atividades que nós, estagiárias, proponhamos realizar com as mesmas.

Para a realização do nosso projeto baseamo-nos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) e nas metas de aprendizagens estabelecidas para a educação pré-escolar (Ministério da Educação, 2010)

Através das atividades que realizámos em que a planificação foi o suporte para as mesmas, conseguimos alcançar os objetivos que nos propusemos trabalhar nas diferentes áreas de conteúdo no nosso projeto curricular de grupo.

Considero que os temas trabalhados e as atividades realizadas com vista às aprendizagens pretendidas foram conseguidos, uma vez que as crianças realizaram com entusiasmo as atividades propostas, participando e envolvendo-se nas mesmas. O

facto de ter construído em conjunto com as crianças um quadro de avaliação semanal, em que o adulto registava a opinião das mesmas sobre o que fizemos, o que querem fazer, o que gostaram mais e o que não gostaram, revelou-se extremamente positivo, pois os diálogos estabelecidos com as crianças sobre a “nossa semana”, e o facto de poder ouvir as opiniões das crianças sobre as atividades realizadas, permitiu-me perceber as motivações e interesses das mesmas para conseguir planejar a minha intervenção educativa. “Prever o que se vai fazer, tomar consciência do que foi realizado são condições da organização democrática do grupo (...)” (OCEPE, 1997, p.37). Através das grelhas de observação que realizei, dos registos pictográficos e filmagens realizadas, conseguimos perceber que estas se envolveram nas atividades e conseguiram realizar as aprendizagens a nível social, físico e cognitivo a que nos propusemos.

2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

2.1. Autoavaliação/autodiagnóstico

Em ambos os estágios e no decorrer dos mesmos, procurei estar sensível e atenta aos contextos educativos onde estive inserida, sendo para mim de extrema importância a relação construída com as crianças bem como com as restantes pessoas que faziam parte das instituições, pois a relação que consegui estabelecer com as mesmas foi também uma forma de me sentir bem comigo própria.

Colaborei sempre com as equipas das instituições, no que me solicitaram, nomeadamente nos dias em que as educadoras estiveram ausentes, e também nos dias festivos, na festa de Natal, no que se refere ao contexto de creche e na comemoração do Dia do Pai e do Dia da mãe no contexto de Jardim de Infância, de forma a assegurar o bom funcionamento das mesmas e a proporcionar bem-estar no grupo de crianças.

Para ambos os estágios senti necessidade de rever e realizar leituras relativas às características das crianças entre os zero e os seis anos, para conseguir planear as atividades de forma a proporcionar às mesmas aprendizagens em todos os domínios, no contexto de creche e áreas de desenvolvimento, no contexto de jardim-de-infância, promovendo assim o seu desenvolvimento global.

Segundo Piaget as crianças desde o nascimento até aos dois anos de idade encontram-se no estágio sensório-motor, a criança desenvolve a sua motricidade e os seus mecanismos sensoriais, ou seja, ela desenvolve os mecanismos locomotores (gatinhar e andar) e de preensão que lhe permitirão explorar o meio em que se encontra, ao mesmo tempo que desenvolve a visão, a audição, o tato etc. (Papalia et al, 2001).

Este estágio é de extrema importância para o desenvolvimento intelectual futuro, pois quanto mais estimulada for a criança, mais possibilidades ela terá de se desenvolver intelectualmente.

Ao nascer, a criança dispõe de um conjunto de reflexos, sendo a sucção um deles. O reflexo existe, porém só se revela na presença do estímulo que o consolida e exige o seu funcionamento. Quando a criança alcança o seio da mãe, o reflexo da

sucção obtém seu estímulo adequado. Mais tarde, levará todo o tipo de objetos à boca (generalização do reflexo).

Com cerca de 6 meses o bebé já é capaz de procurar os objetos escondidos. Com um ano de idade a criança experimenta ativamente novos comportamentos. Tendo atirado um boneco que tinha na mão, ao chão, a criança repete várias vezes e em várias posições esse mesmo comportamento para verificar e feito obtido.

Através da tentativa e erro os bebés experimentam novos comportamentos até encontrarem a melhor maneira de atingir um objetivo. Segundo os mesmos autores a abordagem piagetiana refere ainda que os bebés “à medida que progridem de reações circulares primárias para secundárias e terciárias e finalmente para o desenvolvimento da capacidade representacional, os bebés passam de seres principalmente reflexivos para crianças orientadas para um objetivo, capazes de pensamento simbólico, o qual torna possível a imitação diferida (reprodução de um comportamento observado após um intervalo de tempo, evocando um símbolo) e o jogo de faz-de-conta (jogo que envolve pessoas ou situações imaginárias). A permanência do objeto (a compreensão de que uma pessoa ou objeto continuam a existir mesmo quando já não estão visíveis) desenvolve-se gradualmente ao longo do estágio sensório-motor” (p. 207).

Este estágio indica o contacto da criança com o mundo e o início da sua exploração. A criança adquire um conhecimento prático do mundo que a rodeia.

Entre os dois e os sete anos a criança encontra-se no estágio pré-operatório que se caracteriza pelo desenvolvimento da atividade simbólica, pelo facto de a criança diferenciar o significante do significado. A criança desenvolve a linguagem, estando esta muito ligada à função simbólica, faz progressos cognitivos referentes à compreensão das identidades, à compreensão de causa e efeito, adquire a capacidade para classificar e também a compreensão do número, características deste período de desenvolvimento. (Papalia et al. 2001, p. 345).

Marques (1999, p.34) refere que “o modelo construtivista de Piaget pode considerar-se da seguinte forma: na interação sujeito/objecto, ocorrem dois processos, a assimilação e a acomodação, que correspondem à função passiva e à função activa da inteligência. Para Piaget a inteligência humana é um factor de resolução de problemas que o ambiente coloca ao sujeito e mediante a qual o sujeito trata de superar as suas dificuldades concretas (...). Segundo Piaget, na inteligência, só o seu funcionamento (estruturas funcionais) é hereditário, e os conteúdos derivam da interacção do sujeito com o objecto. O indivíduo, posto em contacto com o seu ambiente e procurando adaptar-se a ele, interage com ele (através da assimilação e

da acomodação), e é assim que lhe surgem os conhecimentos (criados em resposta a estímulos ambientais).”

No início do desenvolvimento existe uma ligação entre o biológico e o social. Vygotsky acredita que o social é imprescindível. A cultura e a linguagem fornecem ao pensamento os elementos para evoluir, sofisticar. A parte cognitiva social é muito flexível, não existindo linearidade no desenvolvimento, sendo este descontínuo e, por isso, sofre crises, rupturas, conflitos, retrocessos, como um movimento que tende ao crescimento.

Vygotsky enfatiza a ligação entre as pessoas e o contexto cultural em que vivem e são educadas. De acordo com ele, as pessoas usam instrumentos que vão buscar à cultura onde estão imersas e entre esses instrumentos tem lugar de destaque a linguagem, a qual é usada como mediação entre o sujeito e o ambiente social. A internalização dessas competências e instrumentos conduz à aquisição de competências de pensamento mais desenvolvidas, constituindo o cerne do processo de desenvolvimento cognitivo (Marques, 2007, p. 3).

Tal como Piaget, também Vigotsky atribui uma importância fundamental à interação na construção do conhecimento e no desenvolvimento da criança. Enquanto Piaget valorizava mais a interação entre iguais do que entre criança e adulto, Vigotsky considera que tanto a interação entre criança-criança como a interação entre criança-adulto produzem conhecimento, sendo condição necessária para a aprendizagem que um deles se encontre num nível mais avançado de desenvolvimento, para assim poder atuar na “Zona de Desenvolvimento Próximo” da criança (Papalia et al. 2001, p. 346).

O estágio em contexto de creche permitiu-me conhecer e avaliar a minha ação pedagógica de forma a trabalhar com um grupo de crianças em que este foi o meu primeiro contato a nível de intervenção educativa. Longo foi o caminho a percorrer até conseguir planificar a minha intervenção de forma a que as estratégias fossem explícitas em relação aos objetivos que pretendia desenvolver com as crianças, sendo esta uma das minhas maiores dificuldades. No decorrer do mesmo foi também alvo de preocupação planificar a minha intervenção de forma a que fosse adequada às características e idades de cada criança do grupo.

O facto de a sala ser constituída por um grupo de dezasseis crianças, com idades tão pequenas, e tão heterogéneo, onde a diferença de meses muda completamente os gostos, atitudes e aprendizagens das crianças, fez com que me questionasse sobre a gestão do grupo. Tentei perceber que tipo de atividades poderia realizar com crianças tão pequenas, que lhes proporcionassem bem-estar e ao mesmo

tempo realizassem as aprendizagens a que me propunha, tendo sido uma das minhas maiores dificuldades no início do estágio. “Os interesses e capacidades das crianças durante os 3 primeiros anos de vida modificam-se rapidamente e somente através de observações cuidadosas, conhecimento e uso imaginativo de diferentes recursos é possível oferecer actividades estimulantes e envolventes que permitam à criança oportunidades de concentração, descoberta e de júbilo pelo sucesso e vitória” (Portugal, 1998, p. 198).

Assim, a minha relação com as crianças foi evoluindo naturalmente e foi construída com base no carinho, afeto e disponibilidade que procurei ter sempre para com todas as crianças do grupo. As crianças corresponderam e aceitaram a minha disponibilidade, tendo-o demonstrado nas mais diversas situações: nos momentos do acolhimento em que as crianças vinham logo com um grande sorriso ter comigo, nas rotinas em que manifestaram sempre vontade de as realizar (higiene, alimentação, sesta), nas atividades dirigidas em que participaram com entusiasmo e nos momentos de brincadeira livre em que cantávamos, dançávamos e brincávamos na sala. Procurei que todos esses momentos fossem de interação e de aprendizagens de forma a proporcionar o bem-estar e tentando que as mesmas estivessem envolvidas no contexto educativo em todos esses momentos, para que se sentissem seguras e motivadas para realizar as suas aprendizagens, conquistas e resolverem os seus próprios conflitos. Segundo Gabriela Portugal um educador acederá ao significado e motivações da criança, quando for capaz de estabelecer contacto com a criança, ganhar a sua confiança, fazendo com que esta queira partilhar os seus sentimentos, experiências e opiniões. (Portugal, 2009).

Com a educadora e auxiliares da sala construí uma relação de empatia e de respeito, com as quais procurei realizar aprendizagens, através dos diálogos estabelecidos acerca das dúvidas que me foram surgindo no decorrer do estágio sobre a forma de atuar em determinados momentos, bem como as conversas informais relacionadas com a prática educativa (acerca das crianças, atividades realizadas, a relação com os pais, entre outros.) Com a coordenadora e restantes membros da creche (educadoras e auxiliares) mantive sempre uma relação cordial estabelecendo assim um bom relacionamento com toda a comunidade educativa.

Ao planificar a minha ação ao longo do dia quer nos momentos de brincadeira livre, quer em atividades orientadas ou nos momentos de rotina procurei sempre proporcionar o bem-estar nas crianças para que estas se sentissem seguras para realizarem as suas aprendizagens, incentivando-as sempre nas suas conquistas

diárias. Organizei o ambiente educativo de acordo com as experiências que pretendi proporcionar às crianças: chamar as crianças para o tapete para ler a história, tendo o cuidado de escolher cuidadosamente as histórias adequadas à idade das mesmas, escolher o local para a realização de determinadas atividades tais como massa de cores, pinturas, bem como os materiais a utilizar para a realização das mesmas, deixar as crianças brincarem livremente com os brinquedos da sala pois estes são também um meio de exploração e de desenvolver capacidades motoras, cognitivas e sociais nas crianças. “ Brinquedos e materiais são também importantes aspetos ambientais: facilitam a aprendizagem, provocam a curiosidade, ajudam na avaliação e promovem as diferentes interações interpessoais. Importa que sejam adequados, abundantes, variados e estejam disponíveis à criança” (Portugal, 1998, p. 207).

As finalidades educativas no contexto de creche visaram principalmente promover a socialização, respeitar a individualidade de cada criança, desenvolver a linguagem e a capacidade de compreensão, desenvolver a autonomia, promover a atenção e a memória, estimular sensações e emoções nos vários momentos do dia, promover hábitos de higiene, desenvolver a psicomotricidade e o conhecimento do mundo. Procurei realizar atividades lúdicas e didáticas de forma a fomentar a curiosidade das crianças e também proporcionar o bem-estar das crianças em todas as tarefas e brincadeiras diárias. “O educador tem também um importante papel ao nível da estimulação da curiosidade da criança, de novas capacidades e impulsos de autonomia e independência. Através do uso da linguagem e gestos o adulto também tem um importante papel mediador das aprendizagens. As conversas acompanham a muda da fralda, o jogo, etc., acentuando uma palavra uma ideia ou uma frase” (Portugal, 1998, p. 207). Estive sensível às necessidades do grupo e também de cada criança tendo em conta a sua individualidade. Os momentos de mimos, afetos, colo e brincadeira foram sempre uma constante ao longo do estágio, pois estes são cruciais para as crianças sentirem confiança e segurança para experienciarem coisas novas, realizarem as suas conquistas e favorecerem a sua autoestima.

Neste contexto, ao observar as crianças, em que no período da manhã constatei que andavam um pouco “perdidas” na sala sem saber por vezes o que queriam brincar, chorando, havendo alguns conflitos entre elas em que todas queriam um determinado brinquedo, senti a necessidade de introduzir uma nova rotina na sala a qual teve como objetivo contribuir para um aumento do bem-estar das crianças. A introdução do momento de reunião na rotina diária, em que cantávamos com as crianças a canção do “bom dia” e contávamos uma história, foi uma das maiores conquistas neste estágio, uma vez que foi do agrado de todas as crianças da sala este

momento, sendo bem aceite pelas mesmas em que todas permaneciam atentas e sentadas no tapete quando estávamos a contar a história. As rotinas atuam como “organizadoras das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e permitem o domínio do processo a ser seguido” substituindo a “incerteza do futuro” por uma representação “fácil de assumir”. Desta forma, “o quotidiano passa a ser algo previsível” trazendo este aspeto benefícios no que respeita à “segurança e autonomia” das crianças. (Zabalza, 1998, p. 52).

O facto do estágio em contexto de creche ter decorrido nos meses de Novembro a Janeiro foi uma mais-valia para nós estagiárias, uma vez que no contexto onde estive a estagiar, a educadora disse que ainda não tinha realizado qualquer tipo de atividades com as crianças, estando estas a adaptarem-se às rotinas da sala. Assim, pude observar e vivenciar as mais variadas sensações e reações das crianças, perante a introdução de novas texturas e objetos com os quais ainda nunca tinham contactado. Uma das atividades que realizei com as crianças foi massa de cores, na qual consegui observar a forma diversificada como cada uma das crianças reagiu; em que umas tiveram curiosidade em mexer logo na massa, outras apenas tocaram com um dos dedos, outras agarraram na massa e cheiraram, duas das crianças não quiseram tocar na massa, as crianças exploraram a massa de cores das mais variadas formas. O mesmo sucedeu com a pintura com esponja na qual as crianças na sua maioria tiveram a reação de levar a esponja com tinta ou á boca ou de cheirar a mesma. Uma das atividades que não foi do agrado da maioria das crianças do grupo foi a pintura com as mãos, em que as crianças não gostaram de sentir a tinta nas mãos, talvez por estar fria ou não gostarem da textura da mesma. Todos estes momentos foram momentos de interação com as crianças e de aprendizagem com as mesmas.

Conseguir realizar muitas conquistas mas aquela em que considero ter atingido um maior nível de competência foi a relação que consegui estabelecer com todas as crianças do grupo. Construí uma relação com as crianças com base na segurança afetiva de que as crianças tanto necessitam nestas idades conseguindo, assim, proporcionar o seu bem-estar, respeitando a sua individualidade de forma a que cada uma delas se sentisse valorizada e integrada no grupo.

Outro dos aspetos em que considero ter atingido um bom nível de desempenho, ao longo do estágio em contexto de creche, foi a autonomia para gerir o grupo de crianças, sentindo-me á vontade na sala na realização de todos os momentos. A evolução que consegui ao planificar a minha ação, tendo em conta os objetivos,

estratégias, atividades para o grupo de crianças e a avaliação das mesmas de acordo com os objetivos do Projeto Pedagógico, foi também uma das competências que considero ter conseguido atingir gradualmente, apesar de ter, inicialmente, sentido imensas dificuldades.

Zabalza (1998, pp.50-54) considera dez aspetos-chave para o desenvolvimento de uma educação infantil de qualidade: “Organização do espaço; equilíbrio entre a iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades; atenção privilegiada aos aspetos emocionais; utilização de uma linguagem enriquecida; diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades da criança; rotinas estáveis; materiais diversificados e polivalentes; atenção individualizada a cada criança; sistemas de avaliação, anotações, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada criança; trabalho com os pais e com o meio ambiente (escola aberta)”. Esta foi uma das referências para desenvolver a minha intervenção educativa no contexto de jardim-de infância de forma a trabalhar os objetivos que me propus desenvolver no projeto curricular de grupo, em conjunto com a minha colega de estágio.

Neste contexto as crianças já são muito mais autónomas para a realização das rotinas diárias, tais como ir á casa de banho sozinhas, realizarem as suas refeições, e ao observar o grupo consegui perceber que as regras estipuladas pela educadora eram aceites, o que contribuía para o bom funcionamento do mesmo, favorecendo a interação entre os pares.

Formosinho (2011, p.11) salienta que “a sala de aula organiza-se em áreas diferenciadas de atividade que permitem diferentes aprendizagens plurais, isto é permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.” Assim, tal como no estágio em creche, a organização do ambiente educativo foi fundamental para a realização das atividades e experiências que visei proporcionar às crianças tais como, atividades experimentais, teatro de fantoches, visualização de filmes, bem como os materiais a utilizar para a realização das mesmas. Estimulei as crianças enquanto frequentavam as áreas existentes na sala, pois estas são também um meio de exploração e de desenvolver capacidades motoras, cognitivas e sociais nas crianças, intervindo de forma lúdica com as mesmas, procurando que estas realizassem o maior número de aquisições possível. Criámos duas novas áreas na sala, a área do cabeleireiro e a dos médicos, no seguimento da abordagem das profissões, tendo as crianças participado na sua construção, escolhendo também o local para as mesmas. Observei o entusiasmo e empenho das mesmas na sua construção e nos momentos em que as frequentavam foram visíveis

as aprendizagens que retiveram da abordagem às profissões, realizada por mim e pela minha colega de estágio. “Assim papéis sociais, relações interpessoais, estilos de interação, que constituem a textura social básica, são vividos, experienciados, perspectivados nas experiências que cada área específica permite” (Formosinho, 2011, p.11).

As atividades realizadas no jardim procuraram sempre promover o mais variado leque de aprendizagens nas crianças. É exemplo disso a realização de uma pequena horta que possibilitou às mesmas observar o processo de germinação das sementes e colherem alguns dos vegetais plantados na mesma, o que se revelou uma forma de adquirirem diversos conhecimentos acerca do mundo que as rodeia. “As observações e manipulações permitem às crianças aprofundar conhecimentos sobre o mundo, possibilitam o estabelecimento de semelhanças e diferenças, ajudam a reconhecer mudanças e a compreender fases e processos.” (Formosinho (2011, p. 58).

Ainda segundo a mesma autora “a aprendizagem dos conceitos relacionados com a ciência faz-se num ambiente repleto de materiais interessantes e estimulantes que despertam os sentidos e apelam ao seu uso reflexivo; as crianças observam, cheiram, tocam, ouvem, conversam, observam as propriedades físicas dos materiais e suas transformações”, o que se verificou quando realizámos a observação das sementes plantadas na horta, ao microscópio, e ao termos construído com as crianças um forno solar no qual conseguimos cozinhar uma maçã, podendo as crianças participar e acompanhar todo o seu processo desde a construção do forno até a maçã estar cozida, tendo estas atividades sido muito apreciadas pelas crianças, na qual o seu envolvimento foi notório.

Valorizei também os momentos de brincadeira no exterior, pois através dos momentos de interação criança/criança, o educador ao estar atento e observar as mesmas consegue perceber quais os seus interesses e motivações e, a partir de situações de brincadeira do exterior, desenvolver projetos e trabalhar com as crianças temas dos seu interesse em que as mesmas se tornam agentes de construção do seu próprio conhecimento. Como referem Hohmam e Weikart (1997) “Ao brincarem sozinhas umas com as outras num ambiente de aprendizagem pela acção, as crianças ganham uma sensação de prazer e de auto-confiança, que advém das oportunidades para se movimentarem” (p. 624).

À semelhança do contexto de creche, construí uma relação com as crianças com base na segurança afetiva, respeitando a sua individualidade, conseguindo assim proporcionar o seu bem-estar. O educador deve mostrar constantemente carinho e

favorecer a formação do vínculo afetivo, respeitando, assim, o ritmo individual de cada criança oferecendo-lhe o tempo necessário para cada uma das suas tarefas e ser flexível na aquisição de hábitos e conhecer a evolução de cada criança, o que ela é ou não capaz de fazer. “O conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 25).

Procurei sempre dar espaço a cada criança para intervir, fazendo questões, partilhando acontecimentos e situações vividas no jardim. Estes momentos são muito apreciados pelas crianças e são momentos de partilha em que as crianças sentem segurança e confiança, sentem-se ativas na sala e integradas na mesma, como membros do grupo. Considero que as experiências realizadas pelas crianças de forma espontânea no dia-a-dia do jardim-de-infância, o jogar, o negociar, o pensar, o falar, o planear e o agir permitem à criança ter um papel ativo na construção do “eu” pessoal e social.

Considero ter evoluído, em relação ao contexto de creche, no que respeita à minha capacidade de planificar, quer na escolha das atividades, tendo em conta os objetivos pretendidos, quer na sua realização (pequeno grupo, grande grupo ou individualmente) e na maneira de abordar as crianças, de forma a proporcionar o bem-estar e o envolvimento das mesmas. “A empatia que garante o bem-estar, a sustentação da autonomia que garante a agência, os desafios que a estimulação coloca para continuar a aprender, são dimensões da mediação pedagógica que é preciso cuidar, pois estão diretamente associadas aos processos de envolvimento que criam a aprendizagem e garantem o êxito.” (Formosinho, 2011, p.68).

Em ambos os estágios a avaliação esteve presente, permitindo-me perceber o grau de envolvimento e as aquisições das crianças do grupo. Através da observação direta, registos pictográficos, e grelhas de avaliação do envolvimento das crianças, procurei avaliar a forma como as crianças se sentiam e estavam envolvidas durante o dia quer nas rotinas diárias (lanche, almoço, muda de fraldas, sesta, idas à casa de banho, recreio, etc), quer nas atividades que propus às mesmas. Realizei reflexões diárias de forma a perceber como decorreu o dia com as crianças, o que correu bem, o que correu menos bem, se poderia ter feito determinada atividade em grupo, em vez de ser em pequeno grupo, e vice-versa, o que poderia ter trabalhado, de que forma poderia ter trabalhado, permitindo-me perceber o grau de bem-estar e envolvimento e as aquisições das crianças do grupo. Contribuí também para conseguir avaliar a minha ação no que respeita às atividades desenvolvidas, postura no ambiente educativo e relação desenvolvida com as crianças em ambos os contextos, havendo

assim uma evolução significativa no decorrer dos estágios, sendo que, no final de cada um deles, me sentia à vontade e segura para trabalhar com todas as crianças do grupo. Os diálogos com as educadoras cooperantes sobre a nossa intervenção pedagógica foram também determinantes para termos a percepção dos aspetos a melhorar na nossa prática educativa.

A avaliação é, em qualquer contexto educativo, o instrumento essencial para perceber até que ponto os objetivos que nos propomos desenvolver com as crianças são ou não atingidos. Conforme as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, para avaliar a sua ação o educador deve observar e registar os progressos e evolução das crianças, bem como as suas dificuldades, de forma a poder adequar o processo educativo às necessidades das mesmas, possibilitando a progressão das aprendizagens a desenvolver por cada criança. Torna-se, assim, fundamental avaliar todos estes processos, sendo esta avaliação o suporte do planeamento.

Também o Manual de Processos Chave – Creche (ISS, 2005) refere a importância de existir um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) para cada criança, em que o educador define os objetivos de desenvolvimento que pretende avaliar e vai avaliando a criança ao longo do ano letivo fazendo o respetivo preenchimento do PDI, devendo o mesmo constar do processo individual da criança e ser dado a conhecer aos encarregados de educação.

Com as atividades que planeei procurei sempre desenvolver e promover aprendizagens nas crianças sendo que, no final de cada atividade realizada, refletia sempre sobre a mesma, na forma como tinha decorrido a atividade, a forma como as crianças se tinham envolvido na mesma, as aprendizagens que as crianças foram realizando no seu decorrer, e se poderia ter feito de outra forma, utilizado outros materiais, para obter melhores resultados. Fui relacionando as aprendizagens realizadas pelas crianças com as estratégias que utilizei, permitindo assim perceber e avaliar se as mesmas tinham sido adequadas ou em que aspetos teria que as melhorar. Aprender a avaliar a minha intervenção de acordo com os objetivos a que me propus e as aprendizagens realizadas pelas crianças foi um processo fundamental para o meu crescimento e desempenho profissional.

As aulas de pedagogia em ambos os semestres contribuíram para aprofundar as questões relacionadas com a avaliação. Na unidade curricular de pedagogia da educação de infância – creche, foi realizada uma abordagem às questões relativas ao envolvimento e bem-estar da criança no contexto educativo, o modo como estes podem ser proporcionados e o papel determinante que o educador assume na sua

concretização. Foi o meu primeiro contato com esta abordagem e modo de avaliação das crianças, através da utilização das escalas de medição do envolvimento e bem-estar criadas por Ferre Laevers, o qual despertou o meu interesse uma vez que cabe ao educador envolver as crianças no contexto educativo assim como proporcionar o seu bem-estar. Assim foi proposto realizarmos uma avaliação dos níveis de envolvimento e bem-estar no nosso contexto de estágio em creche, de duas das crianças do grupo, em dois dias diferentes e em vários momentos do dia, tornando-se verdadeiramente interessante analisar os resultados dos mesmos, percebendo desta forma o quanto é difícil conseguir que um grupo de crianças esteja todo envolvido em todos os momentos do dia. A escala utilizada para medir os níveis de envolvimento da criança, foi a escala criada por Laevers em 1994 sendo cinco os níveis de medição constituídos traduzindo-se por: nível 1 – ausência de atividade, nível 2 – atividade frequentemente interrompida, nível 3 – atividade mais ou menos contínua, nível 4 – atividade com momentos intensos e nível 5 – atividade intensa mantida. Os sinais de envolvimento medidos foram: a concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, comentários verbais e satisfação (Bertrand & Pascal, 2009).

Também um dos módulos da unidade curricular de pedagogia da educação de infância - jardim-de-infância permitiu-me ter um contacto mais aprofundado com a abordagem do livro de Gabriela Portugal e Ferre Laevers “Avaliação em Educação Pré-Escolar, Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC)”, que foca os temas do envolvimento e bem-estar das crianças no contexto educativo como fundamentais para as suas aprendizagens e desenvolvimento global, com base numa abordagem experiencial por parte do educador.

Os referidos autores identificam a atitude experiencial do educador com aquela que “(...) tem como base a focalização do educador na sua corrente de experiências e na da criança, numa abordagem tendo em conta as necessidades e interesses das crianças, onde sensações, emoções e ideias ganham sentido, permitindo sentir o que o outro está a viver e compreendê-lo melhor. Após essa observação o educador deve elaborar o projeto, as atividades e o trabalho a ser realizado no contexto educativo.” (Portugal & Laevers, 2010, p.14).

Segundo os mesmos autores, este processo de atenção às crianças envolve duas dimensões: a implicação/envolvimento e o bem-estar emocional. Se estas duas dimensões se apresentarem em grau elevado, é sinal que o desenvolvimento das crianças decorre em boas condições, sendo que a qualidade das interações é determinante na qualidade dos contextos, em que os adultos sintonizados e atentos às

necessidades das crianças, que sabem o que fazem e porque o fazem, são um fator essencial ao bem-estar e desenvolvimento das crianças (Portugal & Laevers, 2010).

Também o facto de nos ser pedido para realizarmos a avaliação de uma das crianças do grupo durante o nosso tempo de estágio utilizando a ficha individual do SAC, contribuiu para realçar a importância que a avaliação assume no contexto da educação pré-escolar, tendo presente a participação da criança na avaliação e desenvolvimento do currículo.

Nas OCEPE chama-se a atenção para que “A intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo, o que pressupõe - Observação - Planificação - Ação – Avaliação - Comunicação – Articulação” (OCEPE, pp, 25-28).

No contexto de jardim-de-infância, sendo o grupo de crianças da sala heterogéneo, a forma de organizar o mesmo durante a realização de determinadas atividades, foi uma das minhas maiores dificuldades, em que por vezes me senti indecisa se enquanto trabalhava com umas crianças na realização de uma atividade, as outras iam para as áreas e vice-versa, ou se realizava essa atividade em grande grupo, correndo o risco de se gerar alguma confusão na realização da mesma. Fui ultrapassando gradualmente essa minha dificuldade, pois através da observação e conhecimento que fui adquirindo acerca das crianças do grupo, permitiu-me organizar e planificar as atividades de forma a que todas as crianças estivessem envolvidas no contexto educativo, realizando atividades em grande grupo, pequeno grupo e individuais.

3. Percurso Investigativo

A questão que identifiquei no estágio em contexto de creche prende-se com a gestão do grupo, de forma a proporcionar bem-estar nas crianças e a planear a minha ação com intencionalidade educativa de forma a que estas se sentissem envolvidas nos vários momentos do dia.

Esta questão surgiu pelo facto de estar numa sala com dezasseis crianças com idades compreendidas entre os doze e os vinte e quatro meses, e com um grupo tão grande, como poderia proporcionar o bem-estar e envolvimento de todas assegurando as aprendizagens que pretendia promover.

Questionei-me sobre:

Qual a importância do envolvimento e bem-estar na criança?

De que forma é que o envolvimento e o bem-estar influenciam o desenvolvimento da criança?

Qual o papel do educador na promoção do envolvimento e bem-estar na criança?

Após ter realizado algumas leituras acerca do tema, apreendi que para as crianças se sentirem bem no contexto educativo têm que ter prazer em interagir com os outros e em participar nas atividades. Têm que sentir segurança para que possam ter autoconfiança para se conseguirem envolver em todas as atividades ao longo do seu dia-a-dia. As necessidades básicas quer físicas, quer emocionais, devem ser satisfeitas às crianças para que estas obtenham um elevado nível de bem-estar. As atividades devem ser planeadas de acordo com o grupo de crianças e em função dos seus interesses, para que estas se envolvam e sintam motivação para as realizar. Todos estes fatores são determinantes para o bom desenvolvimento global das crianças. Como refere Formosinho (1996, p.22) acerca dos trabalhos de Vigotsky, “a aprendizagem das crianças é uma actividade social que progride através da sua interacção com os adultos e as outras crianças.”

O educador em creche, para promover o bem-estar e desenvolvimento dos bebés, segundo Gabriela Portugal, deve permitir o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através de atenção, gestos, palavras e atitudes, estabelecer limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem maturidade suficiente, permitir o

desenvolvimento de autonomia e autoconfiança sempre que possível, ser verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de responsividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socio emocional, através de observações cuidadosas, conhecimento e uso imaginativo de diferentes recursos, oferecer atividades interessantes e envolventes que permitam à criança oportunidades de concentração, descoberta e de júbilo pelo sucesso e vitória, e ser capaz de articular o jogo e as necessidades das crianças (Portugal, 2000).

Também a mesma autora refere que na creche o principal não são as atividades planeadas, ainda que adequadas, mas sim as rotinas e os tempos de atividades livres. As crianças muito pequenas não se desenvolvem bem em ambientes “escolarizados”, onde realizam atividades em grupo dirigidas por um adulto, mas em contextos calorosos e atentos às suas necessidades individuais (Portugal, 2000).

Laevers define o bem-estar emocional “como um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está aberta ao que a rodeia” (Portugal & Laevers, 2010, p.20).

A implicação/envolvimento é, segundo o mesmo autor, “uma qualidade da atividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energia. É determinada pela necessidade de exploração e pelo nível de desenvolvimento. Em resultado: o desenvolvimento acontece” (Portugal & Laevers, 2010, p.25).

No estágio em contexto de jardim-de-infância, estas questões continuaram a ser relevantes, uma vez que o envolvimento e o bem-estar que é proporcionado a todas as crianças também são de extrema importância. Cabe também ao educador utilizar estratégias durante a realização das atividades e nos momentos de brincadeira livre que estimulem e envolvam as crianças de forma a promover o seu desenvolvimento global.

Neste contexto questioneimei-me sobre a forma de atuação do educador no que se refere à sensibilidade, estimulação e autonomia que são proporcionadas às crianças do grupo, dando especial enfoque à estimulação, uma vez que algumas das crianças se mostram desinteressadas e pouco envolvidas durante a realização das atividades.

A implicação/envolvimento e o bem-estar constituem indicadores conclusivos da qualidade da ação educativa, enquanto via para aceder ao máximo Desenvolvimento

Pessoal e Social nas crianças, enquanto área integradora do processo educativo e que tem a ver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica o desenvolvimento de atitudes e valores atravessando as áreas de expressão e comunicação e de conhecimento do mundo, tal como enuncia as OCEPE (Portugal & Laevers, 2010).

Para tal torna-se fundamental o educador procurar organizar a sua prática tendo em conta três pilares fundamentais da sua prática experiencial: sensibilidade, autonomia e estimulação.

“A sensibilidade, diálogo experiencial enfatiza uma relação mais profunda e autêntica com as crianças e fundamenta-se nos princípios de aceitação, empatia autenticidade e sinceridade de maneira a que a criança se sinta verdadeiramente compreendida, ouvida e aceite.

A autonomia, livre iniciativa das crianças tem a ver com o grau de liberdade que o adulto concede à criança para experimentar, emitir juízos, escolher atividades e expressar ideias e opiniões. Engloba também o modo como o adulto lida com os conflitos, as regras e os problemas de comportamento.

A estimulação, enriquecimento do meio, refere-se à oferta de materiais e atividades estimulantes e o mais diversificados possíveis de modo a satisfazer os interesses e as necessidades das crianças, é o modo como o adulto concretiza a sua intervenção no processo de aprendizagem e o conteúdo dessa intervenção (oferecendo novos materiais ou atividades, dando informações, intervindo para estimular a ação, o pensamento e a comunicação)” (Portugal & Laevers, 2010, pp. 15-16).

Assim, relacionado com o envolvimento das crianças, questiono-me sobre:

De que modo é que a estimulação que é dada pelo educador durante a realização das atividades contribui para o envolvimento das crianças?

O meu percurso investigativo prende-se com as questões de envolvimento e bem-estar das crianças, no qual o educador tem um papel fulcral na forma como orienta a sua ação para promover o desenvolvimento global das crianças.

Parte II

1. Questão de pesquisa e metodologia de trabalho adotada

A questão que emergiu da minha prática e a qual pretendi desenvolver a minha pesquisa prendeu-se com a estimulação do educador na sua intervenção educativa:

A estimulação desenvolvida pelo educador durante a realização das atividades dirigidas contribui de que modo para o envolvimento das crianças? Que traços, características deve ter para atingir tal objetivo?

Este estudo, através da investigação centrada na prática, tem como objetivo perceber de que forma a ação do educador e a estimulação que é dada pelo mesmo, nas atividades dirigidas, influencia o envolvimento das crianças, contribuindo para a realização das suas aprendizagens e seu desenvolvimento.

A opção metodológica que escolhi para realizar o meu estudo é de carácter qualitativo, utilizando um processo inspirado na investigação-ação; o estudo foi desenvolvido no jardim-de-infância, no qual estive a realizar o meu estágio, situado na zona de Santarém.

As investigações qualitativas privilegiam, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. Neste contexto, Bogdan e Biklen (1994) consideram que esta abordagem permite descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos pois, nestes estudos, há sempre uma tentativa de capturar e compreender, com pormenor, as perspectivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto. Para os autores, os dados recolhidos são “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” e o “investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.16).

Em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por “naturalista”, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos. Identificamo-nos com as características deste tipo de investigação enunciadas por Bogdan e Biklen (1994, pp. 47-50) que são:

“- A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;

- É descritiva, isto é os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens;

- O investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;

- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;

- Os investigadores qualitativos fazem questão em se certificarem que estão a apreender as diferentes perspetivas adequadamente.”

Para a recolha de dados utilizei alguns instrumentos tais como, a observação participante realizando notas de campo (reflexões semanais), registos fotográficos, filmagens, análise documental e recorri às escalas de envolvimento e empenhamento do adulto que se encontram no Manual de DQP- Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias do Ministério da Educação (Bertrand & Pascal, 2009). A grande parte dos investigadores qualitativos, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.113), referem-se à recolha de dados, como sendo trabalho de campo e o investigador “tenta aprender algo através do sujeito” e nunca o contrário.

Assim elaborei uma grelha de reflexão referente ao envolvimento das crianças e empenhamento do adulto (anexo I) e uma grelha de avaliação do envolvimento das crianças (anexo II).

Na primeira grelha pretende-se, para cada atividade descrita, evidenciar os sinais de estimulação pelo educador e de envolvimento das crianças. Na segunda, adaptam-se os níveis e indicadores definidos pelos autores da Escala, para apreciação do envolvimento das crianças em cada atividade desenvolvida.

Foram participantes deste estudo, a educadora cooperante, e o meu par de estágio, além de mim própria. Solicitei a colaboração da minha educadora cooperante e da minha colega de estágio, as quais tendo conhecimento dos níveis de envolvimento presentes no manual de DQP (Bertrand & Pascal, 2009), avaliaram o envolvimento das crianças durante as minhas intervenções pedagógicas.

Foram ainda participantes algumas crianças do grupo com o qual estava a trabalhar. Foram escolhidas seis crianças com o critério de serem as que apresentavam menor envolvimento nas atividades da sala, mediante a indicação da educadora cooperante. Essas crianças foram filmadas em períodos de cinco minutos no decurso das atividades selecionadas para observação, e avaliadas pela educadora

cooperante e a minha colega de estágio, tendo em conta os indicadores e os níveis de envolvimento presentes no DQP. (Bertrand & Pascal, 2009, pp.129-131), e das quais darei conta em maior detalhe mais adiante, no enquadramento teórico.

As filmagens realizadas tiveram como objetivo, possibilitar-me a realização, à *posteriori*, de uma análise do meu empenhamento, no que se refere à estimulação dada às crianças durante a realização das atividades, articulando essa análise com os dados das grelhas de avaliação de envolvimento das crianças, efetuadas pela educadora cooperante e a minha colega de estágio.

No decorrer da minha investigação as questões éticas estiveram sempre presentes, nas quais tive em conta a forma como me relacionei com todos os intervenientes. Solicitei a autorização dos encarregados de educação para realizar as filmagens e tirar fotos às crianças, explicando o objetivo pelo qual o pretendia fazer, não esquecendo de referir que o anonimato iria ser preservado aquando da divulgação dos resultados.

2. Enquadramento teórico

Na creche e no jardim-de-infância é de extrema importância que a criança se sinta segura, como tal, estes devem proporcionar à criança todas as condições que harmonizem o seu bem-estar, permitindo desta forma o seu desenvolvimento global, em que o educador exerce um papel fundamental.

O bem-estar está ligado à autoconfiança, à capacidade de superar e recuperar, desenvolvendo a autoestima da criança. Segundo Portugal e Laevers (2010, pp.20-21) “a satisfação das necessidades básicas é determinante no nível de bem-estar emocional experienciado pelas crianças (...). Falar de necessidades básicas no desenvolvimento significa falar da importância de assegurar a satisfação adequada das necessidades físicas (alimentação, higiene), da necessidade de afeto (conhecer relações calorosas e atentas), necessidade de segurança (de um contexto previsível, saber o que se pode ou não se pode fazer, de confiança, poder contar com os outros), da necessidade de reconhecimento e afirmação (de se sentir aceite e apreciado, de ser parte de um grupo, sentimento de pertença), necessidade de se sentir competente (de experienciar sucessos, ser bem sucedido, de se sentir capaz), da necessidade de significados e de valores (de identificação de sentido e de objetivos na vida, de se sentir bem consigo próprio, em ligação aos outros e ao mundo).”

O sinal mais evidente do bem-estar é o prazer em divertir-se, o prazer em interagir com os outros e em participar nas atividades. Quando é proporcionado o bem-estar à criança, estas sentem-se bem, têm uma atitude aberta em relação ao mundo à sua volta e estão dispostas para novas experiências.

Segundo Laevers (2008, p.18) existem dois critérios, para que as crianças se desenvolvam no seu todo, que têm que existir no contexto educativo. O primeiro é o bem-estar o segundo o envolvimento. Se, num determinado contexto, as crianças em geral se sentem bem e agem com espontaneidade, mostrando confiança e energia, significa que o bem-estar emocional está adquirido e que as suas necessidades básicas estão satisfeitas. O segundo critério está relacionado com o processo de desenvolvimento e consiste num ambiente estimulante que favoreça o envolvimento, “se houver envolvimento em qualquer que seja a atividade que estamos a realizar há sempre desenvolvimento” (Laevers, 2008, p.18).

Também Laevers (2008, p.19) menciona que o envolvimento é o desejo de descobrir, explorar e de experimentar o mundo, usando os sentidos para obtenção de uma noção de realidade. O envolvimento é de extrema importância pois uma criança

está absorvida na atividade/jogo que está a realizar. A criança está envolvida, estando então, a gerir as suas capacidades promovendo o seu desenvolvimento. Quando o envolvimento não está presente, a criança fica aborrecida manifestando uma sensação de vazio e frustração, refletindo-se na estagnação do desenvolvimento.

“O facto de a criança estar num ambiente propício que proporciona o seu bem-estar e envolvimento é considerado um direito básico que lhe assiste. O envolvimento e o bem-estar dependem de várias variáveis, nomeadamente da qualidade do contexto, da formação das educadoras, do apoio formativo de que estas dispõem ou da perspectiva pedagógica adoptada (transmissiva VS construtivista), logo, podemos assumi-lo como um estado notável pela própria alteração da qualidade dos contextos” (Formosinho & Araújo, 2004, p. 91).

Vigotsky defende que a criança se desenvolve através da linguagem, do jogo e do trabalho cooperativo entre as crianças menos experientes e as mais experientes. As interações desempenham por isso, um papel essencial na aprendizagem, quanto mais ricas forem as interações, mais rapidamente ocorre o desenvolvimento. Smith, Cowie e Blades (1998, p.492) referem que “o modelo Vigotsky propõe não apenas a perspectiva do indivíduo funcionando no seu próprio contexto social imediato (por exemplo, na família ou grupo social), mas também a de que a própria mente humana “se estende para além da pele”. Todo o funcionamento humano é, por natureza, sociocultural”.

Para perceber até que ponto a criança está envolvida, foi criada por Laevers, em 1994, uma escala que mede os níveis de envolvimento da criança, que foi traduzida e adaptada para a realidade portuguesa por uma equipa coordenada por Júlia Formosinho. A referida escala é constituída por duas componentes sendo estas uma lista de indicadores de um comportamento de envolvimento e os níveis de envolvimento, identificáveis numa escala de cinco pontos (Bertrand & Pascal, 2009, pp.129-131).

Os sinais de envolvimento são: a concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, comentários verbais e satisfação. Os autores definem estes sinais do seguinte modo:

“- Concentração: a criança encontra-se orientada para a atividade em que nada parece poder distraí-la.

- Energia: a criança investe muito esforço na atividade, está muito interessada e estimulada.

- Complexidade e Criatividade: são observáveis quando a criança mobiliza, de livre vontade, as suas capacidades cognitivas e outras para se dedicar a um comportamento mais complexo do que uma mera rotina, está a dar o seu melhor. A criatividade existe quando a criança dá um toque individual ao que faz e contribui para o seu desenvolvimento criativo.

- Expressão Facial e Postura: os indicadores não-verbais são de extrema importância para apreciar o envolvimento da criança. É possível distinguir olhos perdidos no vazio de olhos brilhantes. A postura pode revelar alta concentração ou tédio.

- Persistência: é a duração da concentração na atividade que está a ser realizada. As crianças que estão realmente envolvidas não abandonam facilmente o que estão a fazer. Querem continuar a atividade que lhes interessa e dá prazer, não se distraíndo com o que está à sua volta.

- Precisão: a criança envolvida dá especial atenção ao seu trabalho e está atenta aos pormenores. A criança que não se envolve, está pouco preocupada com as questões de pormenor, estes não são importantes para elas.

- Tempo de reação: a criança envolvida está alerta e rapidamente responde aos estímulos demonstrando motivação. Correm, literalmente falando, para uma atividade e mostram grande motivação e entusiasmo. O envolvimento é mais que uma reação inicial, de facto a criança reage a novos estímulos que surgem no decorrer da ação.

- Linguagem: as crianças explicitam, por vezes, o seu envolvimento nas atividades através de comentários espontâneos. Elas podem ainda indicar as atividades que lhes interessam e dizerem que gostam de a fazer.

- Satisfação: as atividades que possuem a qualidade de envolvimento induzem um sentimento de satisfação. As crianças envolvidas demonstram grande satisfação perante os resultados alcançados.

Os níveis de envolvimento da criança traduzem-se por: nível 1 – ausência de atividade, nível 2 – atividade frequentemente interrompida, nível 3 – atividade mais ou menos contínua, nível 4 – atividade com momentos intensos e nível 5 – atividade intensa mantida” (Bertrand & Pascal, 2009, pp.129-131).

Para que seja proporcionado o bem-estar e envolvimento nas crianças é também fundamental que o adulto esteja envolvido e que haja empenhamento por parte do mesmo para que a sua intencionalidade educativa seja bem-sucedida em todas as

interações que estabelece com a criança. O nível de implicação/envolvimento “representa um sinal para o educador, dando indicações sobre o que é que as ofertas educativas ou condições ambientais provocam nas crianças, sendo por isso um indicador de qualidade do contexto educativo” (Portugal & Laevers, 2010, p. 25). Laevers (1994) identificou três categorias no comportamento do adulto para que haja empenhamento: sensibilidade, estimulação e autonomia (Bertrand & Pascal 2009, p. 136). Laevers desenvolveu uma grelha pormenorizada de observação, na qual se identificam vários tipos de comportamento do educador, em cada uma destas três categorias. A observação e o registo destas categorias permitem identificar o estilo de mediação do adulto no processo de aprendizagem das crianças (Bertrand & Pascal 2009, pp. 137-139). Os autores definem conceptualmente estas categorias:

“- Sensibilidade é a atenção e o cuidado que o adulto demonstra ter para com os sentimentos e bem-estar emocional da criança. Inclui também sinceridade, empatia, capacidade de resposta e afetividade. As observações centram-se na forma como o adulto responde á diversidade de necessidades das crianças incluindo:

- necessidade de respeito: transmitindo à criança o sentimento de que é valorizada e aceite,
- necessidade de atenção: escutando a criança, reconhecendo a sua necessidade de receber atenção,
- necessidade de segurança: reconhecendo e respondendo às suas inseguranças e incertezas,
- necessidade de afeto: tratando a criança com carinho e cuidado,
- a necessidade de elogio e encorajamento: elogiando a criança e dando-lhe apoio.

- Estimulação é o modo como o adulto concretiza a sua intervenção no processo de aprendizagem e o conteúdo dessa intervenção. As observações do adulto centram-se nas seguintes ações:

- propor uma atividade,
- facultar uma informação,
- apoiar o desenrolar de uma atividade para estimular a acção, o raciocínio ou a comunicação.

- Autonomia é o grau de liberdade que o adulto concede à criança para experimentar, emitir juízos, escolher atividades e expressar ideias e opiniões. Engloba também o modo como o adulto lida com os conflitos, as regras e os problemas de comportamento. A observação da autonomia foca-se nos seguintes aspetos:

- grau de liberdade na escolha da atividade,
- oportunidades para fazer experiências,
- liberdade para escolher e decidir como realizar atividades,
- respeito pelo trabalho, as ideias e opiniões da criança sobre o seu trabalho,
- oportunidade das crianças resolverem autonomamente problemas e conflitos,
- participação das crianças na elaboração e cumprimento de regras.”

Para o meu estudo foquei-me na dimensão da estimulação para avaliar a minha ação, tal como referi anteriormente.

Laevers (1994) utilizou as três categorias de ação atrás mencionadas na escala de empenhamento do adulto, que conta também com cinco pontos de avaliação de acordo como estilo ou atitudes observados: ponto 1 - ausência total de empenhamento, ponto 2 – atitudes predominantes de falta de empenhamento com traços de empenhamento, 3 – atitudes nem de empenhamento nem de falta de empenhamento, 4 – atitudes predominantes de empenhamento com traços de não empenhamento, 5 – atitudes de total empenhamento”.

Também Gabriela Portugal considera que “o educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através da atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve ser alguém que estabeleça limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível. Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de expansividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento sócio emocional” (Portugal, 2008, p.198).

As Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (1997, p.25) referem que o educador tem um papel chave em proporcionar o bem-estar da criança, devendo assim “observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem”.

O educador deve mostrar constantemente carinho e favorecer a formação do vínculo afetivo, respeitando assim o ritmo individual de cada criança, oferecendo-lhe o tempo necessário para cada uma das suas tarefas e ser flexível na aquisição de hábitos e conhecer a evolução de cada criança, o que ela é ou não capaz de fazer. “O conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 27).

Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-escolar, para avaliar a sua ação o educador deve observar e registar os progressos e evolução das crianças, bem como as suas dificuldades, de forma a poder adequar o processo educativo às necessidades das mesmas, possibilitando a progressão das aprendizagens a desenvolver em cada criança. Torna-se assim fundamental avaliar todos estes processos, sendo esta avaliação o suporte do planeamento.

Segundo Gabriela Portugal na creche o papel do educador torna-se ainda mais específico na medida em que é um contexto com crianças em idades muito pequenas que necessitam de qualidades muito especiais, de conhecimento e de formação adequada ao fornecimento de experiências de aprendizagem e desenvolvimento, de forma a serem capazes de compreender e reconhecer as suas diferentes necessidades e promover a exploração respeitando a sua curiosidade natural (Portugal, 2000).

O educador é um elemento fundamental para proporcionar o envolvimento e o bem-estar nas crianças para que estas sintam o contexto educativo como uma continuidade do seu ambiente familiar; o profissional deve ter sempre uma intencionalidade nas ações que pratica, adaptando-as às propostas das crianças e a situações imprevistas que possam surgir em ambiente educativo. Deve sempre refletir sobre a sua prática educativa centrando-se nas características das crianças, de forma a conseguir proporcionar o seu desenvolvimento global num contexto educativo que vise ser de qualidade.

3. Apresentação e análise dos dados

Como referem Bogdan e Biklen (1994, p.232) “por “dados” entendemos as páginas de materiais descritos recolhidos no processo de trabalho de campo” e devem ser organizados “de modo a ser capaz de ler e recuperar os dados à medida que se apercebe do seu potencial de informação”.

Assim, para avaliar o meu empenhamento no que se refere à estimulação, nas atividades dirigidas e a influência que exerce no envolvimento das crianças contribuindo para promover as suas aprendizagens e desenvolvimento, recorri à observação direta e naturalista, uma vez que se centra nas relações e interações das crianças no contexto educativo, como referi anteriormente, e o instrumento utilizado foi a escala de envolvimento da criança e do adulto criada por Laevers (1994) presente no manual de DQP (Bertrand & Pascal, 2009).

Foram escolhidas cinco atividades distintas para realizar a observação do envolvimento das seis crianças selecionadas, tendo em conta as grelhas de observação com o registo do nível de envolvimento das crianças realizadas pela minha educadora cooperante e colega de estágio.

A observação é fundamental para o amadurecimento profissional, na medida em que permite articular a teoria à prática. Nesta linha de pensamento, Figueiredo (2002, p.48) refere que a observação é “parte integrante do processo de ensino/aprendizagem e que, quanto mais for uma atitude consciente e intencional, mais eficaz será como instrumento de conhecimento e avaliação para o educador”.

Após a visualização das filmagens realizadas e dos dados recolhidos, e através das grelhas de observação com o registo do nível de envolvimento das crianças realizadas pela minha educadora cooperante e colega de estágio constatei:

A realização da atividade, que consistiu na visualização das sementes ao microscópio (anexo III) revelou-se muito positiva, uma vez que foi o primeiro contacto que as crianças tiveram com este instrumento. Procurei estimular as crianças para a realização desta atividade motivando as crianças para o uso do microscópio e explicando claramente a forma como é utilizado, fazendo com que as crianças questionassem sobre o que poderia ser observado ao mesmo, estimulando assim o seu pensamento de forma a promover aprendizagem nas crianças. A média do nível de envolvimento registado foi de 4 na escala de 1 a 5 podendo verificar que apesar destas crianças na maioria das vezes não se envolverem nas atividades dirigidas no

contexto educativo, esta atividade despertou interesse nas mesmas, manifestando-se através das suas reações de espanto ao realizarem esta observação, pelo que consegui perceber que as mesmas estavam envolvidas na realização desta atividade pois o que conseguiram visualizar foi para elas surpreendente: *“Ah! Esta semente é tão bonita!” “Olha esta é tão grande!” “Esta parece um coração!”*

Considero que a minha intervenção no que se refere à estimulação, tendo em conta os indicadores de estimulação que são observáveis segundo Laevers, presentes no manual de DQP (Bertrand & Pascal, 2009), para a realização desta atividade foi muito positiva uma vez que consegui que as crianças em estudo se envolvessem, ao contactarem com um instrumento talvez um pouco complexo para a sua idade, mas que resultou tendo em conta as evidências demonstradas pela reação das crianças durante a sua realização.

A segunda atividade em que foi realizada a observação das crianças (anexo V), foi a leitura de uma história intitulada “O Nabo Gigante” a qual escolhi, pois considero que oferece uma boa abordagem aos números permitindo trabalhar alguns conceitos matemáticos, os animais e também os legumes, que neste estágio tive oportunidade de cultivar na horta existente no jardim, tentando adequar a história aos interesses das crianças e às aprendizagens que pretendi promover. Conteí a história com expressividade, utilizando um tom de voz de forma a motivar as crianças ao ouvirem a mesma. As crianças mostraram-se atentas enquanto conteí a história, considerando assim ter sido um momento apelativo para as crianças. No final da história questioneí as crianças sobre os animais presentes na mesma, ao que responderam corretamente; no entanto quando questioneí acerca da quantidade de animais existentes algumas das crianças não conseguiram responder corretamente: - *“Eu sei Carla, é a vaca castanha, as galinhas sarapintadas, os canários amarelos” - “É o velhinho e a velhinha” - “Dois porcos gordos e três gatos pretos”*.

Questionei as crianças se gostariam de desenhar os seus animais preferidos, tendo as mesmas respondido afirmativamente. Assim, desenhei um nabo numa folha A4, igual á capa do livro, e distribuí o mesmo às crianças para lá dentro desenharem o seu animal preferido de acordo com o número correspondente desse animal existente na história. Noteí que, à medida que iam desenhando os animais, as crianças observadas necessitaram do meu incentivo para o fazerem, talvez pelo facto de no jardim-de-infância as histórias estarem na maioria das vezes associadas à realização deste tipo de atividades, às quais as crianças já estão habituadas e não conferindo praticamente nada de novo para as mesmas, tendo-se entusiasmado apenas na escolha dos materiais apresentados para o fazerem.

O nível de envolvimento das crianças na realização desta atividade teve uma média de 3,5 na escala de 1 a 5 valores. As crianças estiveram envolvidas na história, mas a realização da atividade posterior à mesma revelou já uma diminuição do seu envolvimento tendo esta decorrido sem grande intensidade. Possivelmente em vez de solicitar às crianças para desenharem os animais da história, se as questionasse se queriam realizar uma dramatização da história, seria mais estimulante e desafiador para elas e provavelmente o nível de envolvimento das mesmas seria maior.

A terceira atividade observada (anexo VII) constou da visualização de um filme intitulado “Gerónimo Stilton ajuda a salvar o planeta”, que faz referência às questões ambientais, nomeadamente à educação para o consumo, à reciclagem e uma breve abordagem às energias renováveis. As crianças evidenciaram um nível de envolvimento de 4 pontos na escala de 1 a 5 pontos na realização desta atividade. Antes de visualizar o filme realizei uma breve abordagem, de forma a perceber as conceções prévias que as crianças tinham sobre a poluição, a reciclagem, formas de poupar água, uma vez que estes temas já não são novos para muitas das crianças presentes na sala, dando tempo para todas as crianças responderem. No decorrer da atividade as crianças conforme iam visualizando o filme responderam às questões que eu coloquei ou faziam comentários referentes ao que estava a acontecer no mesmo. - *“Ah, não sabia que se podiam, fazer camisolas com as garrafas de água!”*

Durante a visualização do filme reparei que as crianças observadas começaram a ter momentos de distração, mexendo-se mais nas cadeiras, talvez devido ao facto de o mesmo ser um pouco extenso e as crianças começarem a dispersar a sua atenção. Quando terminou o filme dialoguei com as crianças sobre as várias formas de preservar o nosso planeta, dando tempo para as crianças pensarem e falarem sobre o que tinham visualizado. Perguntei às crianças: *“O que acham de realizarmos um panfleto onde desenhemos as várias formas de poupar energia, água? “ E podemos também desenhar os ecopontos existentes e o tipo de lixo lá devem de colocar?”* As crianças responderam rapidamente: - *“Sim quero...”* - *“Podemos levar para casa para os pais verem?”*

Realizámos em conjunto um folheto alusivo às questões ambientais tendo no final do dia as crianças levado o mesmo para casa. O facto de as crianças realizarem algo que poderiam levar para casa para mostrar aos pais, fez com que a sua participação fosse mais ativa, querendo desenhar ou verbalizar as frases para a construção do mesmo. A participação das crianças nesta atividade foi na sua globalidade realizada com intensidade, verificando-se sinais claros de envolvimento, tendo havido momentos de alguma distração no seu decorrer, o que me leva a refletir

sobre o facto de as crianças com idades entre os três e os quatro anos não conseguirem estar atentas e concentradas durante um período de tempo considerável sentindo necessidade de se movimentarem. A realização do panfleto demonstrou empenho e concentração por parte das crianças observadas ao realizarem as sugestões das frases que iriam constar no mesmo.

A quarta atividade consistiu na construção de um forno solar (anexo IX), sendo uma das atividades em que as crianças mais se envolveram, tendo-se revelado muito produtiva uma vez que as energias renováveis no contexto de pré-escolar não são um tema fácil de trabalhar com as crianças. O facto de solicitar a ajuda de todas as crianças para a construção do mesmo, fez com que as mesmas se envolvessem na atividade, entusiasmadas com a sua construção e o que iriam conseguir observar no final. Procurei, ao longo da atividade, dar espaço a todas as crianças para colocarem as suas dúvidas à medida que iam surgindo, tentando que conseguissem com a ajuda dos colegas resolvê-las, intervindo sempre que necessário para o seu esclarecimento. No decorrer da atividade procurei estimular o diálogo nas crianças, motivando-as para a construção do “nosso forno” de forma a que as mesmas se entusiassem com o resultado que poderiam obter colocando a maçã no mesmo e o que poderia acontecer, que transformação iria sofrer a maçã. - *“Achas que a maçã vai cozer?”* *“O que é que vai acontecer à maçã?”* Outras crianças disseram: *“Eu acho que não vai cozer!”*.

Utilizei uma grelha de registo de observação do estado da maçã em três momentos diferentes; as crianças registaram o estado da maçã quando colocada no forno, de manhã, depois da hora do almoço e no final do dia, altura em que a maçã já estava cozida. O seu preenchimento foi realizado com entusiasmo pelas crianças, pois a observação do processo motivou as crianças para registarem o que observaram. - *“Agora a maçã está mole!”*, - *“E está castanha!”*. - *“Está quente!”*

Ter dado oportunidade para todas as crianças, durante vários momentos de observação, poderem tocar na maçã e observar as transformações que foi sofrendo, estimulou o diálogo e também contribuiu para que as crianças organizassem o seu pensamento sobre o que estava a acontecer durante as várias observações realizadas sendo que no final as crianças ficaram surpreendidas com o resultado alcançado: - *“Ah! a maçã está cozida!”*, - *“Podemos provar?”*- *“Podemos cozer mais maçãs no forno?”*

Considero que todos os objetivos a que me propus alcançar durante a realização da atividade foram alcançados. Uma vez que as crianças observadas mostraram-se mais envolvidas nesta atividade do que nas outras já realizadas, talvez pelo facto de

ser uma atividade de caráter experimental, as quais não são muito frequentemente realizadas na sala. Participaram ativamente na construção do forno solar fazendo questões sobre os materiais utilizados e para que serviam: - *O que é isso aí?* - *“Cortiça?”* - *“Para que é que serve a cortiça?”* - *“Posso mexer na cortiça?”*, questões sobre o que iria acontecer à maçã e onde iríamos colocar o forno para que a maçã cozesse com a energia do sol. Todos os indicadores de envolvimento foram observados nas crianças observadas, sendo o nível obtido na realização desta atividade de 5, na escala de envolvimento da criança. Assim considero que as crianças realizaram as aprendizagens que pretendi desenvolver com esta atividade, aprendendo as várias etapas de construção do forno solar e também o processo de cozedura da maçã no mesmo, e que é possível cozinhar alimentos aproveitando a energia solar. Como refere Leavers quando há envolvimento há desenvolvimento (Laevers, 2008).

A quinta atividade observada (anexo XI) foi a realização de uma peça de fantoches (anexo XIII) abordando os temas da educação para o consumo (poupar água e energia) na qual eu e a minha colega de estágio realizámos para as crianças uma pequena dramatização que contou com algumas intervenções das mesmas. Durante a peça os fantoches foram questionando as crianças, e elas foram respondendo com euforia mostrando entusiasmo no decorrer da peça. O nível de envolvimento foi avaliado apenas pela educadora cooperante, em que a média obtida pelas crianças observadas foi de 4, mantendo-se assim envolvidas sem interrupções, em que as crianças se mantiveram ativas e estimuladas no decorrer da peça de fantoches. No final as crianças mostraram alguma curiosidade questionando qual a personagem que cada uma de nós era, tentando adivinhar. Questionei as crianças se tinham aprendido alguma coisa com os fantoches e estas responderam: *“O avô Historinhas ensinou-nos a poupar água quando lavamos os dentes e também ensinou ao Pitó, que era o amigo dele”*.

Através da reação das crianças mostrando a sua energia ao dialogarem com os fantoches, tecendo pequenos comentários uns com os outros, rindo ao longo da peça, revelaram indicadores de envolvimento. O facto de conseguirem explicar o que aprenderam com os fantoches demonstra que as crianças estiveram atentas e concentradas ao ouvirem, sendo estes outros dos indicadores de envolvimento. Este tipo de atividades de caráter mais lúdico é muito do agrado das crianças as quais dão “largas” à sua imaginação e criatividade, sendo estas significativas em termos de aquisição de conhecimentos promovendo assim as aprendizagens que se pretende

desenvolver com as mesmas. Também Laevers (2008) refere que quando a criança está envolvida, está a gerir as suas capacidades promovendo o seu desenvolvimento.

3.1. Síntese e considerações

A realização das atividades mencionadas teve como objetivo proporcionar oportunidades de aprendizagens significativas a todas e a cada uma das crianças observadas ao nível das diferentes áreas de conteúdo.

O registo do envolvimento das crianças nas várias atividades realizadas foi de extrema importância, pois forneceu-me informações válidas sobre as preferências, os pensamentos e as atitudes das crianças, permitindo-me assim uma melhor compreensão e avaliação das aprendizagens das crianças e do trabalho desenvolvido, permitindo-me perceber que, em algumas atividades, teria utilizado outras estratégias tendo em conta o envolvimento observado.

Seguindo a linha de pensamento de Portugal e Laevers (2010, p. 26) “utilizar a análise dos níveis de implicação para analisar a qualidade daquilo que se oferece à criança aponta direções aos educadores para fazerem melhor”, sendo que, a estimulação que ofereci às crianças no desenrolar das várias atividades permitiu-me refletir sobre a minha intervenção educativa, ao analisar as aquisições e o envolvimento que as crianças conseguiram alcançar durante as mesmas.

Assim pude constatar que nas atividades que tiveram um carácter mais lúdico e exploratório as crianças demonstraram um nível superior em relação às atividades que visaram apenas a abordagem de alguns conteúdos de forma expositiva, como a apresentação do filme referente à sensibilização ambiental, no qual as crianças mostraram algumas evidências de distração e de distanciamento da atividade, ou seja de não envolvimento, o mesmo tendo acontecido na atividade sugerida após o contar da história “o nabo gigante” em que as crianças estiveram atentas, mas quando lhes solicitei a realização um registo sobre a história estas distraíram-se várias vezes, necessitando do incentivo do educador para realizar a atividade. As estratégias utilizadas para ambas as atividades não foram as mais adequadas devendo na primeira atividade ter escolhido um filme com menor duração de tempo e na segunda após ter contado a história deveria ter sugerido uma atividade de outra natureza que

despertasse mais interesse nas crianças, como já referi anteriormente, talvez uma dramatização da história ou ter solicitado às crianças para desenharem sim os animais mas com a finalidade de realizarmos uma peça de fantoches com os mesmos.

As atividades com caráter lúdico e experimental parecem ter obtido maior nível de envolvimento das crianças observadas. Para isso também parece ter sido fundamental realizar uma abordagem às crianças em grande grupo, de forma a que se sentissem como membros do mesmo, tendo a sua postura e expressão demonstrado isso uma vez que estas ficaram radiantes ao poderem colaborar na realização dessas atividades. O facto de chamar as crianças, de incentivar a sua participação nas atividades, o focar a atenção no que diziam apoiando as mesmas, fez com que as crianças se sentissem motivadas para realizar as atividades, constatando também que a empatia que o educador estabelece com as mesmas é fundamental para o desenrolar da sua ação educativa.

Todo este processo contribuiu para o meu crescimento profissional, pois permitiu-me perceber que nas diferentes atividades realizadas neste estudo, a estimulação que o educador fornece no decurso das atividades dirigidas é fundamental para a promoção das aprendizagens e desenvolvimento das crianças. Após realização das atividades e após a visualização dos filmes, refleti sobre a minha intervenção pedagógica e concluí que nas atividades em que houve menor envolvimento das crianças, poderia ter optado por realizar atividades de outra natureza, e fez com que percebesse qual o tipo de atividades que permitiram um maior envolvimento das crianças, permitindo-me fazer uma autoanálise do trabalho que desenvolvi com o grupo de crianças. Assim, considero relevante a importância que esta investigação-ação assumiu para refletir sobre a minha ação pedagógica.

Considero que a estimulação que é dada pelo educador, o ouvir as crianças, o ir mais além através do diálogo e questionamento, o incentivar o que se faz e valorizar o que foi feito, o proporcionar experiências variadas e diferentes formas de exploração, o estimular a curiosidade e a observação e o elogiar as pequenas conquistas é uma forma de envolver as crianças no contexto educativo valorizando as interações que se estabelecem com as mesmas e entre as próprias crianças sendo crucial para a realização das suas aprendizagens e o seu desenvolvimento. “O envolvimento das crianças e o empenhamento dos adultos são interdependentes. Quando as crianças demonstram elevados níveis de envolvimento, os adultos empenham-se mais; quando os adultos se empenham mais, as crianças demonstram graus de envolvimento mais elevados” (Bertrand & Pascal, 2009, p.50).

Formosinho (2002, p.16) reconhece a interação como um conceito central na compreensão dos processos de aprendizagem, e a sua complexidade nos processos de desenvolvimento profissional afirmando que “(...) a preocupação com as interações e o seu desenvolvimento apontam para a interação como sustentando a construção do conhecimento da criança porque o adulto lhe é sensível, lhe dá autonomia e a estimula. Mas também é vista como sustentando uma participação democrática porque cria práticas educativas que reconhecem a competência da criança e o seu direito a participar no processo de ensino-aprendizagem”

Os registos pictográficos apresentados nos dados referentes a este breve estudo evidenciam sinais de envolvimento das crianças na realização das atividades descritas, contudo considero que a avaliação é um processo complexo no qual o educador tem que ter um conhecimento profundo das crianças do seu contexto educativo, saber o que realmente as mobiliza, tendo em atenção todos os fatores que envolvem as mesmas, para assim poder desenvolver a sua ação educativa de acordo com as características do grupo de crianças. “A intencionalidade educativa decorre do processo reflexivo de observação, planeamento, ação e avaliação desenvolvidos pelo educador de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças” (Bertrand & Pascal, 2009, p.48).

Reflexão final

A formação de educadores consiste num processo de construção da sua própria identidade, baseado em conhecimentos multidimensionais, experiências e aprendizagens surgidas nos contextos em que vai decorrendo a atividade profissional. A realização destes estágios foi crucial para o meu desenvolvimento profissional, pois compreendeu a mobilização e aprendizagem de competências de análise e reflexão de saberes relativos à intencionalidade educativa e permitiu encontrar o “sentido da profissão” ao ter um contacto direto com os dois contextos educativos, potenciando assim a aquisição de novas aprendizagens e conceções sobre a educação e o currículo, sobre as crianças e sobre a própria profissão de educadora.

O processo de planificar permitiu-me realizar escolhas pedagógicas que determinaram a ação educativa. É através da planificação que se toma consciência da prática. Acima de tudo, reflete-se sobre as intenções pedagógicas e sobre as estratégias de adequação ao grupo de crianças. É fundamental que o educador reflita sobre o potencial pedagógico das atividades e as perceçione como um excelente e eficaz recurso que permite conhecer a personalidade de cada criança e avaliar o seu desenvolvimento. No entanto esta foi uma das dificuldades sentidas no início do estágio em contexto de creche.

Compete ao educador promover um clima de segurança, tranquilidade e de bom relacionamento entre todos os elementos do grupo, assim como organizar o espaço, o tempo e os recursos humanos e materiais, a fim de proporcionar condições de bem-estar e de incentivo que estimulem a criança a agir, a explorar e a descobrir por si. Como afirma Marques (1999, pp.36-37), “o desenvolvimento sócio emocional implica que a criança se sinta segura no relacionamento com os professores, respeite os sentimentos e os direitos dos outros, comece a coordenar pontos de vista diferentes, seja mentalmente activa e curiosa e tenha autoconfiança. O desenvolvimento cognitivo implica que a criança seja capaz de descobrir meios de atingir fins desejáveis e levante problemas e contribua para a sua resolução”.

Ao longo dos estágios foi importante perguntar, questionar e refletir para poder dar sentido a tudo o que observava e planeava. Conclui que quanto mais ricas forem as relações e as interações que se estabelecem entre as crianças e os adultos e quanto maior for o empenhamento do adulto na preparação das atividades, maior será o envolvimento da criança e mais agradável se tornará o ato educativo. Para isso é fundamental que o educador apoie as crianças a construir aprendizagens

significativas, através de uma pedagogia participativa, colaborativa e diferenciada. Deve assim, observar e escutar o que as crianças fazem e dizem, por iniciativa própria, para promover experiências de aprendizagem motivadoras que estimulem a curiosidade das crianças e as desafiem a agir, a explorar, a descobrir e a refletir sobre as suas ações. Apoiar as crianças é um processo reflexivo, que também permite ao adulto aprender com as crianças, daí a aprendizagem pela ação não ter um único sentido, “ a aprendizagem pela acção não é uma estrada de um só sentido. Num clima de controlo partilhado, os adultos e as crianças são, ao mesmo nível, aprendizes e professores” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 79). Os mesmos autores consideram também que o educador deverá estar atento a todas e cada uma das crianças, ouvindo, dialogando, estimulando e apoiando as suas ideias e os seus projetos, porque “compreender aquilo que as crianças fazem enquanto planeiam ajuda os adultos a apreciar e a compreender o vasto leque de comportamentos de planeamento que as crianças desenvolvem ao longo do tempo” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 255).

A realização da investigação permitiu-me avaliar a minha ação educativa dando ênfase à estimulação que o educador oferece na realização das atividades dirigidas e refletir sobre a mesma ponderando as estratégias utilizadas, a escolhas das atividades, o que faria da mesma forma, o que mudaria se realizasse novamente as mesmas atividades, através da observação do envolvimento das crianças nas mesmas. Este processo fez-me evoluir e percecionar a importância que a reflexão sobre a ação educativa assume no desempenho da nossa prática pedagógica permitindo o aperfeiçoamento da mesma; através da observação, planificação e avaliação, o educador reflete e reformula a sua prática para apoiar a aprendizagem de todas e de cada uma das crianças. Realço a importância da investigação sobre a prática, que ajuda os educadores a sustentar a qualidade da sua intervenção educativa, bem como a obter esclarecimentos relacionados com problemas com que se deparam ao longo da sua ação.

Segundo Oliveira e Serrazina (s/d, p.7) os professores que refletem em ação e sobre a ação estão envolvidos num processo investigativo, não só tentando compreender-se a si próprios melhor como professores, mas também procurando melhorar o seu ensino. Também João Pedro da Ponte refere que, em vez de esperar por soluções vindas do exterior, muitos profissionais têm vindo cada vez mais a pesquisar diretamente os problemas que se lhes colocam. São várias as razões pelas quais esta pesquisa pode ser importante. Ela contribui, antes de mais, para o esclarecimento e resolução dos problemas. Além disso, proporciona o desenvolvimento profissional dos respetivos atores e ajuda a melhorar as

organizações em que eles se inserem. Em certos casos, esta pesquisa pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional no respetivo campo de prática e até para o conhecimento da sociedade em geral (Ponte, 2002).

Ao longo desta caminhada foram várias as experiências vivenciadas. A complementação dessas experiências vividas com a reflexão, pesquisa e a investigação que compõem este relatório, formaram também um aspeto construtivo na minha formação, contribuindo para o meu crescimento e desenvolvimento enquanto pessoa e profissional. De acordo com Alarcão e Tavares (1987), a abordagem reflexiva “assenta na consciência da imprevisibilidade dos contextos de acção profissional e na compreensão da actividade profissional como actuação inteligente e flexível, situada e reactiva”. (p. 35). Os mesmos autores acrescentam ainda que “o processo formativo (...) combina acção, experimentação e reflexão sobre a acção, ou seja, reflexão dialogante sobre o observado e o vivido segundo uma metodologia do aprender a fazer fazendo e pensando...” (p. 35).

Fica a vontade de aprofundar cada vez mais os conhecimentos para os poder colocar em prática, no sentido de ser uma profissional capaz de responder às necessidades de cada contexto educativo, visando uma educação de qualidade.

Bibliografia

- Alarcão, I., & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Bertrand, T., & Pascal, C. (2009). *Manual DQP - Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Ministério da Educação. Lisboa: DGIDC.
- Brazelton, T. B. (2004). *O grande livro da criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Coelho, A. (2009). *Intencionalização educativa em creche*. Coimbra: Escola Superior de Educação.
- Figueiredo, M. (2002). *Avaliação na Educação Pré-Escolar. Cadernos de Informação pedagógica - Coleção Pré*. Lisboa: Impressão Bola de Neve.
- Formosinho, J. (1996). *Modelos Curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores – Da sala à escola*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma praxis de participação*. Porto: Porto Editora, 3ª edição.
- Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. O., & Araújo S. B. (2004). *O envolvimento da criança na aprendizagem: construindo o direito de participação*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Associação Criança.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª edição.
- Instituto da Segurança Social (2005). *Manual dos Processos-chave-Creche*. Lisboa.
- Marques, R. (1999). *Modelos Pedagógicos Actuais*. Lisboa: Plátano.

- Marques, R. (2007). *A Pedagogia Construtivista de Lev Vygotsky (1896-1934)*. Retirado de http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia / A Pedagogia construtivista de Lev Vygotsky.pdf.
- Ministério da Educação/ Departamento de Educação Básica, (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: M.E / DEB.
- Nicolau, M. & Dias, M. (2003). *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papyrus.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em GTI (Ed.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Portugal, G. (1998). *Crianças Famílias e Creches - Uma abordagem ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2000). Educação de bebés em creche: Perspectivas de formação teóricas e práticas. *Infância e Educação, 1*, 85-106.
- Portugal, G. (2009). *Para o educador que queremos, que formação assegurar?* Aveiro: Centro de investigação Educação e Ciências do Comportamento Departamento de Ciências da Educação – Universidade de Aveiro.
- Portugal, G., & Leavers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Porto: Porto Editora.
- *Projeto Creche, Educação para a 1ª Infância* (2009). Sintra. Rafa Editora, Lda.
- Santos, L., & Jau, J. (2008). Entrevista com Ferre Leavers. *Cadernos da educação nº 4*.
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (1998). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- <http://missaoeducar.blogspot.com/2008/11/principios-educativos-em-creche-gabriela.html>.

Anexos

Anexo I – Grelha de dados referentes ao envolvimento das crianças e empenhamento do adulto

Dados referentes ao envolvimento das crianças e empenhamento do adulto

Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico


Anexo II – Grelha de Avaliação do Envolvimento das Crianças


Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente e interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
	D.						<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.						
	F.						
	L.						
	S.						
	S.						
Observações:							

Adulto responsável pela avaliação: _____

Anexo III – Atividade nº 1: Observação de Sementes ao Microscópio

Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas.</p> <p>-.Colocamos o microscópio em cima da mesa e questionamos as crianças sobre as suas conceções acerca do mesmo.</p> <p>Se sabem que instrumento é?</p> <p>Se sabem para que serve?</p> <p>- Depois de dizermos o nome do instrumento e a suas formas de utilização e os fins a que se destina, recordamos as crianças de que ontem registámos numa grelha as sementes que</p>	<p>Organizei as mesas da sala, para que quando as crianças chegassem à mesma, esta já estivesse preparada e com o microscópio em cima da mesa para que todas as crianças o vissem quando entrassem.</p> <hr/> <p>As crianças ficaram surpresas quando viram o microscópio</p>	<p>4</p>	<p>As crianças quando entraram para a sala perguntaram logo: “O que é isso que está em cima da mesa?”.</p> <p>As crianças mostraram-se surpresas e continuaram a questionar: “ Serve para quê”, “ O que é que vamos fazer?” (linguagem e expressão facial – indicadores de envolvimento).</p> <hr/> <p>Uma das crianças disse: “não sei o nome mas sei que serve</p>	<p>4</p>	

<p>iríamos plantar na horta e que agora iríamos registar essas mesmas sementes depois de as observarmos ao microscópio.</p> <p>- Colocamos a sementes no microscópio e cada criança irá registar na grelha de registo à frente de cada semente ontem observada a olho nu, a forma como a viram no microscópio.</p>	<p>então questionei: “Alguém sabe que instrumento é este?” “Para que serve?” Dei tempo para as crianças responderem, mas apenas uma criança sabia para que servia.</p> <hr/> <p>Expliquei às crianças que o microscópio servia para ver coisas muito pequenas que não conseguíamos ver a “olho nu” e que no microscópio conseguíamos observa-las muito melhor e ver ao pormenor como era a sua forma, cor, etc. Deixei que as crianças questionassem e tirassem as suas dúvidas sobre o mesmo.</p>	<p>para ver as coisas maiores”.</p> <p>(Concentração – indicador de envolvimento)</p> <hr/> <p>As crianças mostraram-se atentas e concentradas à explicação que dei sobre o mesmo e iam intervindo questionando-me: “no microscópio podemos ver os micróbios?” “Podemos também ver bactérias?” “E os nossos órgãos, dentro do nosso corpo também vemos?”</p> <p>As crianças foram, fazendo questões sobre o microscópio, sempre entusiasmadas e atentas ao que eu ia dizendo.</p> <p>(concentração e atenção, entusiasmo, tempo de reação, persistência, expressão facial e postura –</p>	
--	--	---	--

	<p>_____</p> <p>Perguntei às crianças se recordavam que sementes é que ontem tínhamos observado para ir plantar na nossa horta? (Estimulação do raciocínio – indicador de empenhamento)</p> <p>_____</p> <p>Depois eu disse que nós íamos observar essas sementes ao microscópio.</p> <p>_____</p> <p>Dado ao entusiasmo das crianças, eu que tinha inicialmente pensado em realizar a atividade em grande grupo, optei por realizar a atividade em grupos de duas crianças</p>		<p>_____</p> <p>indicadores de envolvimento)</p> <p>_____</p> <p>As crianças responderam: “vimos cenouras, nabo, salsa e coentros” (Tempo de reação e concentração – indicadores de envolvimento)</p> <p>_____</p> <p>Depois de eu dizer que íamos observar as sementes ao microscópio as crianças levantaram-se todas e vieram para ao pé de mim para fazerem a observação. (Energia, complexidade, expressão facial e postura, tempo de reação, Satisfação e linguagem – indicadores de envolvimento)</p>		
--	---	--	---	--	--

	<p>enquanto as outras iam brincando nas áreas. Disse às mesmas: “todos vão observar as sementes mas em grupos de dois, agora vão para as áreas que escolheram e a Carla vai chamando os meninos para virem fazer a observação, está bem?”</p> <p>Fui chamando as crianças duas a duas para fazerem a observação das sementes e realizarem o registo do que tinham observado.</p> <hr/> <p>Expliquei como se colocava o olho na lente e depois questionei o que as crianças estavam a observar, se conseguiam ver bem a semente e como a viam, à medida que ia registando na grelha os comentários que as crianças iam fazendo sobre o que estavam a observar.</p>		<hr/> <p>Conforme iam observando as sementes no microscópio as crianças diziam: “Ah! Esta semente é tão bonita!” “Olha esta é tão grande” “Esta parece um coração”. As crianças duas a duas observaram as sementes e no final da observação registavam na grelha o que tinham observado.</p>		
--	---	--	--	--	--

			(satisfação, concentração, precisão, persistência, energia, expressão facial e postura, linguagem – indicadores de envolvimento)		
--	--	--	--	--	--

Anexo IV – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 1

Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas.</p> <p>- Colocamos o microscópio em cima da mesa e questionamos as crianças sobre as suas conceções acerca do mesmo.</p> <p>Se sabem que instrumento é?</p> <p>Se sabem para que serve?</p> <p>- Depois de dizermos o nome do instrumento e a suas formas de utilização e os fins a que se destina, recordamos as crianças de que ontem registámos numa grelha as sementes que iríamos plantar na horta e que agora iríamos registar essas mesmas sementes depois de as observarmos ao microscópio.</p> <p>- Colocamos a sementes no microscópio e cada criança irá registar na grelha de registo à frente de cada semente ontem observada a olho nu, a forma como a viram no microscópio.</p>	D.		×				<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.		×				
	F.	×					
	L.		×				
	S.1		×				
	S.2		×				
Observações:							


Adulto responsável pela avaliação: Educadora Cooperante


Avaliação do Envolvimento das Crianças

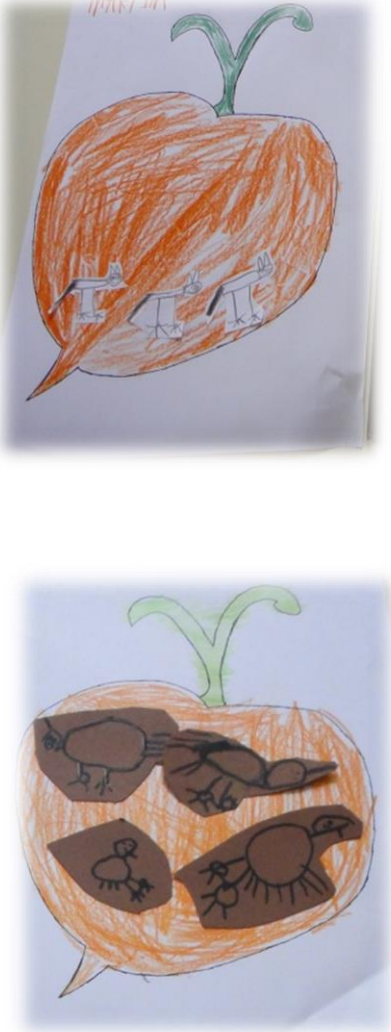
Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas. -.Colocamos o microscópio em cima da mesa e questionamos as crianças sobre as suas conceções acerca do mesmo. Se sabem que instrumento é? Se sabem para que serve? - Depois de dizermos o nome do instrumento e a suas formas de utilização e os fins a que se destina, recordamos as crianças de que ontem registámos numa grelha as sementes que iríamos plantar na horta e que agora iríamos registar essas mesmas sementes depois de as observarmos ao microscópio. - Colocamos a sementes no microscópio e cada criança irá registar na grelha de registo à frente de cada semente ontem observada a olho nu, a forma como a viram no microscópio.</p>	D.		X				- Energia
	E.		X				- Concentração
	F.		X				- Complexidade e criatividade
	L.		X				- Expressão facial e postura
	S.1		X				- Persistência
	S.2		X				- Precisão
Observações:							- Tempo de Reação
							- Linguagem
							- Satisfação


Adulto responsável pela avaliação: Par de Estágio

Anexo V – Atividade nº 2: História “O Nabo Gigante”

Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico
<p>Em grande grupo na área do tapete, as crianças vão ouvir a história “O Nabo Gigante”. O adulto conta a história com expressividade, boa colocação de voz e movimentos apropriados para estimular a concentração da criança. Desta forma tornar-se-á um tempo apelativo para o grupo.</p> <p>- Após o momento da história, iremos questionar as crianças sobre as personagens existentes na história, uma vez que a história refere o número de animais e de legumes</p>	<p>Solicitei a todas as crianças que se sentassem no tapete e comecei por dialogar com as mesmas sobre as sementes que tínhamos observado no microscópio, entre elas encontrava-se a semente de “nabo”. Então disse às crianças que a história que íamos escutar era a história “ O Nabo Gigante”</p> <p>Contei a história com expressividade e com um tom de voz adequado de forma a estimular a concentração das crianças ao ouvi-la. Deixei as crianças intervirem para colocar as suas dúvidas no decorrer da mesma.</p>	4	<p>As crianças mostraram-se motivadas e concentradas no decorrer da história, questionando sobre as dúvidas que tinham sobre a mesma; “ ó Carla o que é galinhas sarapintadas?”.</p> <p>Através da sua postura e expressão facial as crianças demonstraram satisfação em ouvir a história em que por vezes iam dizendo: “uau!!...”.</p> <p>“é agora que vai conseguir ”</p> <p>Algumas crianças pediram: “Carla mostra mais alto que não consigo ver bem... “Assim está melhor....”.</p> <p>(concentração, expressão facial e postura, persistência, satisfação. – indicadores de envolvimento).</p>	3,5	

<p>que um casal de velhinhos tinha na sua casa.</p> <p>- Posteriormente, iremos solicitar às crianças que representem o número de animais e de legumes da história em que cada criança irá escolher o animal que irá representar, formando assim o conjunto dos canários, das galinhas, e dos outros animais presentes na história.</p> <p>- O adulto estimula a reflexão por parte das crianças, de forma a permitir que estas vão construindo noções matemáticas.</p>	<p>Questionei as crianças sobre as personagens da mesma e todas quiseram responder ao mesmo tempo, tendo que pedir para cada uma levantar o dedo, em que eu solicitaria para responder, tendo todos oportunidade para falar.</p> <hr/> <p>Disse às crianças que se quisessem poderiam desenhar os seus animais preferidos, utilizando diversos materiais para o fazer, papel de lustro, cartolinas de várias cores, papel de esponja, tecidos de várias cores,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sei Carla, é a vaca castanha, as galinhas sarapintadas, os canários amarelos” - “É o velhinho e a velhinha” - “Dois porcos gordos e três gatos pretos” - “E gansos brancos, são cinco”. - “O velhinho e a velhinha plantaram legumes como os da nossa horta” - “ Feijões, cenouras e nabos” - “ E batatas e ervilhas” <p>(Linguagem, tempo de reação, satisfação, energia, expressão facial e postura – indicadores de envolvimento)</p> <hr/> <p>As crianças quiseram desenhar o seu animal preferido e houve crianças que também quiseram desenhar os legumes presentes na mesma.</p> <p>Cada criança representou no</p>	 
---	--	--	---

	<p>canetas de feltro, lápis de cor, e lápis de cera (que já estavam colocados em cima das mesas, antes de começar a contar a história), todas as crianças quiseram participar e dirigiram-se para as mesas. Distribui uma folha com um desenho de um “nabo” no qual cada criança teria que desenhar o conjunto dos animais presentes na história.</p> <p>Cada criança desenhou os animais que mais gostou, colocando o número correto de animais conforme a história, trabalhando também algumas noções matemáticas.</p> <p>À medida que as crianças iam desenhando os seus animais eu procurei sempre estimular as mesmas, dizendo: “Que gatos tão bonitos!”</p> <p>“Essas galinhas estão espetaculares!”</p>	<p>“seu nabo” o conjunto dos animais que quis “desenhar” e com os materiais que escolheu, os quais resultaram na perfeição no decorrer da atividade, pois as crianças questionavam:</p> <p>“posso usar este papel?”</p> <p>“Qual achas mais giro Carla?”</p> <p>Outras afirmaram “Vou fazer tudo com papel brilhante”, “eu vou fazer com o brilhante e com este de “esponja” cor-de-laranja”.</p> <p>Enquanto desenhavam as crianças iam-me chamando para me mostrarem o que estavam a fazer e perguntando: “Achas que estão bem assim os gatos?”</p> <p>“Carla gostas do avô e da avozinha que eu fiz?”</p> <p>(Concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura,</p>	
--	--	--	--

			<p>persistência, linguagem, satisfação – indicadores de envolvimento)</p>		
--	--	--	---	--	---

Anexo VI – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 2

Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>Em grande grupo na área do tapete, as crianças vão ouvir a história "O Nabo Gigante". O adulto conta a história com expressividade, boa colocação de voz e movimentos apropriados para estimular a concentração da criança. Desta forma tornar-se-á um tempo apelativo para o grupo.</p> <p>- Após o momento da história, iremos questionar as crianças sobre as personagens existentes na história, uma vez que a história refere o número de animais e de legumes que um casal de velhinhas tinha na sua casa.</p> <p>- Posteriormente, iremos solicitar às crianças que representem o número de animais e de legumes da história em que cada criança irá escolher o animal que irá representar, formando assim o conjunto dos canários, das galinhas, e dos outros animais presentes na história.</p> <p>- O adulto estimula a reflexão por parte das crianças, de forma a permitir que estas vão construindo noções matemáticas.</p> <p>Observações:</p>	D.		X				<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.			X			
	F.		X				
	L.			X			
	S.1			X			
	S.2		X				


Adulto responsável pela avaliação: Educadora Cooperante


Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>Em grande grupo na área do tapete, as crianças vão ouvir a história "O Nabo Gigante". O adulto conta a história com expressividade, boa colocação de voz e movimentos apropriados para estimular a concentração da criança. Desta forma tornar-se-á um tempo apelativo para o grupo.</p> <p>- Após o momento da história, iremos questionar as crianças sobre as personagens existentes na história, uma vez que a história refere o número de animais e de legumes que um casal de velhinhos tinha na sua casa.</p> <p>- Posteriormente, iremos solicitar às crianças que representem o número de animais e de legumes da história em que cada criança irá escolher o animal que irá representar, formando assim o conjunto dos canários, das galinhas, e dos outros animais presentes na história.</p> <p>- O adulto estimula a reflexão por parte das crianças, de forma a permitir que estas vão construindo noções matemáticas.</p>	D.		X				<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.		X				
	F.		X				
	L.			X			
	S.1			X			
	S.2			X			
Observações:							

Adulto responsável pela avaliação: Par de Estágio

Anexo VII – Atividade nº 3: Visualização do Filme “Gerónimo Stilton ajuda a salvar o Planeta”

Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico
<p>- Após o lanche as crianças dirigem-se para a sala.</p> <p>- Reunimos as crianças em grande grupo nas mesas e diremos às mesmas que iremos visionar um filme relacionado com a educação ambiental e educação para o consumo.</p> <p>-Dialogamos um pouco sobre as conceções prévias das crianças acerca do tema e posteriormente iremos colocar o filme.</p> <p>“Gerónimo Stilton ajuda a salvar o Planeta”</p>	<p>Comecei por dialogar com as crianças sobre a importância do nosso planeta e de que forma é que poderíamos preservar o mesmo. Questionei as crianças sobre os conceitos prévios que estas tinham sobre o tema, tais como: “ o que é que podemos fazer para ajudar o nosso planeta a continuar limpo e saudável para nós vivermos?”</p> <p>“Vocês e os vossos pais costumam fazer reciclagem?”</p> <p>“como se chamam os recipientes para fazer reciclagem?” “De que cor são?”</p> <p>“Sabem o que colocamos em cada um deles?”</p> <p>Dei tempo para todas as crianças que quiseram responder, o fizessem e depois coloquei o filme.</p>	4	<p>As crianças iam respondendo:</p> <p>“ Não deitar papéis para o chão”</p> <p>- “Não poluir o ambiente”</p> <p>- “Fazer reciclagem”</p> <p>- “ Chamam-se ecopontos”</p> <p>- “ Há o amarelo, o azul”</p> <p>- “ Há o verde o vermelho”</p> <p>- “ O azul é para o papel, e o vermelho para as pilhas”</p> <p>- “ O amarelo é para os pacotes do leite”</p> <p>“ O verde é para as garrafas de vidro”</p> <p>(concentração, Linguagem, tempo de reação – indicadores de envolvimento)</p>	4	

	<p>Durante o filme ia dialogando com as crianças sobre o mesmo “O que acontece ao lixo depois de o colocarmos nos ecopontos adequados? “para onde ele vai?”, “O que podemos fazer com as garrafas de água?” “Podemos fazer camisolas”. “Qual a importância de poupar água e energia?”, à medida que esses temas iam sendo apresentados no filme.</p>	<p>As crianças estiveram atentas durante a visualização do filme, questionando sobre as dúvidas que foram surgindo, em que algumas vezes queriam falar todas ao mesmo tempo.</p> <p>As crianças respondiam às questões que eu colocava conforme iam visualizando o filme:</p> <p>- “Vai para um aterro.”</p> <p>-“Ah, não sabia que se podiam, fazer camisolas com as garrafas de água!”</p> <p>(Concentração, energia, expressão facial e postura, persistência, linguagem – indicadores de envolvimento</p> <p>As crianças mais pequenas quase no final do mesmo começaram a ficar menos atentas, mexendo-se muito nas cadeiras, talvez pelo facto do filme ser um pouco</p>	
--	--	--	---

	<p>Questionei as crianças sobre o que tínhamos visto no filme:</p> <p>“O que é que podemos fazer para não poluir o ambiente?”</p> <p>“ Nas vossas casas costumam fazer reciclagem?”</p> <p>“E o que costumam fazer para poupar água em casa?”</p> <p>“ E para poupar energia, lembram-se do que viram no filme”, o que devem de fazer?”</p> <p>“Para poupar energia também devemos utilizar lâmpadas economizadoras, já alguém utiliza em casa?”</p>	<p>extenso.</p> <p>(Concentração, energia, expressão facial e postura, persistência, satisfação - indicadores de envolvimento)</p> <hr/> <p>- “Para não poluir o ambiente devemos andar a pé sempre que pudermos”</p> <p>-“A minha casa é perto a escola e a minha mãe vem trazer-me para a escola a pé”</p> <p>-“ Eu na minha casa tenho um caixote do lixo para fazer reciclagem”</p> <p>- “Na minha casa não faço reciclagem, vou dizer à minha mãe para fazer.”</p> <p>- “Eu tomo sempre banho de chuveiro.”</p> <p>- “Quando lavo os dentes fecho a torneira enquanto estou a lavar os dentes”</p> <p>- Sim, devemos apagar sempre as luzes quando não vamos embora”</p> <p>“ Devemos apagar o botão</p>		
--	--	---	--	--

	<p>Perguntei às crianças: “o que acham de realizarmos um panfleto onde desenhamos as várias formas de poupar energia, água? “ E podemos também desenhar os ecopontos existentes e o tipo de lixo lá devem de colocar?”</p> <p>Acompanhei sempre as crianças durante a realização do panfleto em que algumas crianças quiseram fazer os desenhos para o mesmo e outras crianças disseram as frases, sobre as várias formas de poupar água, energia e sobre os ecopontos existentes e o lixo que lá podemos</p>	<p>vermelho da televisão”</p> <p>- “ A minha avó não usa dessas lâmpadas, mas na minha casa já tenho.”</p> <p>(tempo de reação, energia, linguagem, satisfação, complexidade e criatividade, concentração, expressão facial e postura – indicadores de envolvimento)</p> <p>- “Sim quero...”</p> <p>- “Podemos levar para casa para os pais verem?”</p> <p>As crianças deram o seu contributo para a elaboração do mesmo, sendo que umas desenharam e outras disseram as frases para colocar no panfleto.</p> <p>No fim do dia todas as crianças levaram o seu panfleto para casa dizendo que o iam mostrar aos pais.</p> <p>(Linguagem, energia, concentração, tempo de reação, complexidade e</p>	
--	---	---	---

	<p>colocar.</p> <p>Tirei fotocópias para todas as crianças, do panfleto realizado e no final do dia distribui a cada criança para colocar na sua mochila e levar para casa.</p>		<p>criatividade, expressão facial e postura, persistência, satisfação, precisão – indicadores de envolvimento)</p>		
--	---	--	--	--	--

Anexo VIII – Avaliação do Envolvimento das crianças na Atividade nº 3

Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade contínua com momentos de grande intensidade	Atividade quase contínua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Após o lanche as crianças dirigem-se para a sala.</p> <p>- Reunimos as crianças em grande grupo nas mesas e diremos às mesmas que iremos visionar um filme relacionado com a educação ambiental e educação para o consumo.</p> <p>- Dialogamos um pouco sobre as conceções prévias das crianças acerca do tema e posteriormente colocaremos o filme.</p>	D.		X				- Energia
	E.			X			- Concentração
	F.		X				- Complexidade e criatividade
	L.		X				- Expressão facial e postura
	S.1		X				- Persistência
	S.2		X				- Precisão
Observações:							- Tempo de Reação
							- Linguagem
							- Satisfação

Adulto responsável pela avaliação: Educadora Cooperante


Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade contínua com momentos de grande intensidade	Atividade quase contínua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Após o lanche as crianças dirigem-se para a sala.</p> <p>- Reunimos as crianças em grande grupo nas mesas e diremos às mesmas que iremos visionar um filme relacionado com a educação ambiental e educação para o consumo.</p> <p>- Dialogamos um pouco sobre as conceções prévias das crianças acerca do tema e posteriormente colocaremos o filme.</p>	D.		×				<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.			×			
	F.		×				
	L.			×			
	S.1		×				
	S.2			×			
Observações:							

Adulto responsável pela avaliação: Par de Estágio

Anexo IX – Atividade nº 4: Construção de um Forno Solar


Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas. Recordamos o que visionamos no filme sobre as energias renováveis, dando ênfase à energia solar a energia solar.</p> <p>- Propomos às crianças a construção de um Forno Solar apresentando os materiais para sua construção e uma imagem do resultado final. Questionamos as crianças: - Será que é possível cozinhar alimentos utilizando a energia solar através</p>	<p>Organizei as mesas da sala, para que quando as crianças chegassem à mesma, esta já estivesse preparada. Pedi para as crianças se sentarem nas mesas.</p> <hr/> <p>Recordei com as crianças o filme que tínhamos visualizado sobre a importância de poupar energia e as várias formas de obtermos energia que tínhamos visto:</p> <p>Lembram-se que o vento se pode transformar em energia elétrica?</p> <p>E os painéis solares recebem energia de quê?</p> <p>Para que servem?</p> <p>E sabem que também é possível cozinhar alimentos utilizando a energia solar?</p>	<p>5</p>	<p>As crianças entraram e sentaram-se nas mesas e perguntaram:</p> <p>“Carla o que vamos fazer?”</p> <p>(tempo de reação, linguagem – indicadores de envolvimento).</p> <hr/> <p>As crianças recordaram o que tinham visto no filme e disseram:</p> <p>-“Vimos que o vento faz energia.”</p> <p>-“Parece um moinho e o vento faz rodar.”</p> <p>-“E depois faz energia.”</p> <p>-“Podemos usar painéis solares na nossa casa”</p> <p>-“Servem para aquecer a água.”</p> <p>-“E aquecem a casa no inverno.”</p> <p>(concentração, energia,</p>	<p>5</p>	


<p>do forno solar?</p> <p>- Depois de construído o forno colocamos o alimento (maçã) no interior da forma cobrindo a mesma com a película aderente colocando-a posteriormente dentro do forno. Em seguida tapamos a caixa com película aderente e orientamos o forno para o sol de forma a conseguir mais concentração de energia para o seu interior. Após este processo surge então a seguinte questão:</p> <p>- Quanto tempo demora o alimento a cozinhar através da utilização da energia solar?</p>	<p>“ Agora nós vamos construir um forno solar, para que é que acham que serve?”</p> <p>Pedi para as crianças se sentarem e disse que todas iriam participar na construção do forno.</p> <p>- “Eu vou chamar quem me vem ajudar a construir o forno e todos vão ajudar”</p> <p>-“Vamos tentar cozinhar uma maçã”</p> <p>- “Agora colocamos só uma e depois vamos ver o que acontece”</p> <p>- “A cortiça serve para manter o calor dentro do forno”</p> <p>- “Sim, podes mexer na cortiça, está aqui este bocadinho e vais passando aos colegas para todos verem e mexerem.”</p> <p>- “Já colocamos, ainda falta um</p>		<p>expressão facial e postura, linguagem, tempo de reação, satisfação – indicadores de envolvimento).</p> <p>- “Uau!”.</p> <p>- “Para cozinhar alimentos”. As crianças levantaram-se e algumas disseram.</p> <p>- “Quero ajudar-te a fazer o forno!</p> <p>- “O que vamos cozinhar?”</p> <p>- “Podemos colocar duas maçãs?”</p> <p>- O que é isso aí?</p> <p>- “ Cortiça?”</p> <p>-“Para que é que serve a cortiça?”</p> <p>- “Posso mexer na cortiça?”</p> <p>-“Eu também quero”</p> <p>- “Eu também!”</p> <p>- “Carla quando é que vem a parte que se coloca a maçã?”</p> <p>Cada criança solicitada ia colaborando na construção do forno, e as outras observavam com entusiasmo ao que cada</p>	
--	--	--	---	--

bocadinho, temos que acabar de construir o nosso forno”
 -“Agora vamos colocar a nossa maçã no forno” e chamei uma das crianças para a colocar na forma e dentro do forno.
 Utilizei uma grelha de registo de observação do estado da maçã em três momentos diferentes, de manhã, depois da hora do almoço e no final do dia, os quais as crianças iam registando o estado da maçã.
 O primeiro momento de observação foi quando a maçã foi colocada no forno, no qual expliquei às crianças a grelha de registo e solicitei que desenhassem como estava a maçã naquele momento.
 Colocámos o forno numa das janelas da sala com maior exposição solar e fomos observar o nosso forno da rua para ver se estava a apanhar sol.

criança estava a fazer.
 -“Achas que a maçã vai cozer?” “O que é que vai acontecer à maçã?”
 Outras crianças disseram: “Eu acho que não vai cozer”,
 As crianças observaram como é que estava a maçã depois de colocada no forno e desenharam a mesma na grelha de registo.
 (concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, linguagem, satisfação – indicadores de envolvimento).



	<p>No final do almoço, disse às crianças que iríamos ver como estava a nossa maçã.</p> <p>À medida que as crianças iam fazendo comentários, sobre como estava a maçã, registei os mesmos na grelha de registo de cada criança.</p> <hr/> <p>De vez em quando as crianças iam perguntando:</p> <p>Respondi que não podíamos estar sempre a tirar a maçã do sol e que antes de irmos embora todos iríamos observar como estava a maçã.</p> <hr/> <p>Pouco antes de irmos embora disse às crianças para se sentarem nas mesas para observarmos novamente a nossa maçã. Verifiquei nessa</p>	<p>Ao observarem a maçã as crianças disseram:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Agora a maçã está mole!”, - “E está castanha!”. - “Está quente!” <p>As crianças preencheram novamente a grelha de registo desenhando como estava a maçã. Voltamos a colocar o forno ao sol.</p> <p>(linguagem, concentração, expressão facial, satisfação – indicadores de envolvimento).</p> <hr/> <p>-“Podemos ir ver como está a maçã?”</p> <p>-“Vamos ver como está a maçã?”</p> <p>Linguagem, energia, persistência, expressão facial – indicadores de envolvimento).</p> <hr/> <p>As crianças ficaram surpreendidas com o resultado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Ah! a maçã está cozida!”, -“Podemos provar?” 	 
--	--	--	---

	<p>altura em que a maçã já estava cozida.</p> <p>Novamente registei na grelha de registo os comentários de cada criança ao observar a maçã.</p>		<p>- “Podemos cozer mais maçãs no forno?”</p> <p>Desenharam novamente na grelha de registo como se encontrava a maçã naquele momento. No final a educadora cooperante provou a maçã e mostrou às crianças como era o seu aspeto por dentro no fim de estar cozida.</p> <p>(Todos os indicadores de envolvimento estão presentes).</p>		 A photograph showing two young girls sitting at a table. The girl on the left is wearing a blue and white striped shirt, and the girl on the right is wearing a yellow sweater. They are both looking down at a small, round, brownish dish on the table. The background is slightly blurred, showing a yellow wall and some colorful items.
--	---	--	---	--	--

Anexo X – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 4

Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade continua com momentos de grande intensidade	Atividade quase continua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas. Recordamos o que visionamos no filme sobre as energias renováveis, dando ênfase à energia solar a energia solar.</p> <p>- Propomos às crianças a construção de um Forno Solar apresentando os materiais para sua construção e uma imagem do resultado final. Questionamos as crianças: - Será que é possível cozinhar alimentos utilizando a energia solar através do forno solar?</p> <p>- Depois de construído o forno colocamos o alimento (maçã) no interior da forma cobrindo a mesma com a película aderente colocando-a posteriormente dentro do forno. Em seguida tapamos a caixa com película aderente e orientamos o forno para o sol de forma a conseguir mais concentração de energia para o seu interior. Após este processo surge então a seguinte questão:</p> <p>- Quanto tempo demora o alimento a cozinhar através da utilização da energia solar?</p>	D.	X					<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.	X					
	F.	X					
	L.	X					
	S.1	X					
	S.2	X					
Observações:							


Adulto responsável pela avaliação: Educadora Cooperante


Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade contínua com momentos de grande intensidade	Atividade quase contínua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
<p>- Reunimos as crianças em grande grupo na sala e pedimos que se sentem nas mesas. Recordamos o que visionamos no filme sobre as energias renováveis, dando ênfase à energia solar a energia solar.</p> <p>- Propomos às crianças a construção de um Forno Solar apresentando os materiais para sua construção e uma imagem do resultado final. Questionamos as crianças: - Será que é possível cozinhar alimentos utilizando a energia solar através do forno solar?</p> <p>- Depois de construído o forno colocamos o alimento (maçã) no interior da forma cobrindo a mesma com a película aderente colocando-a posteriormente dentro do forno. Em seguida tapamos a caixa com película aderente e orientamos o forno para o sol de forma a conseguir mais concentração de energia para o seu interior. Após este processo surge então a seguinte questão:</p> <p>- Quanto tempo demora o alimento a cozinhar através da utilização da energia solar?</p>	D.	×					<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.		×				
	F.	×					
	L.		×				
	S.1	×					
	S.2	×					
Observações:							

Adulto responsável pela avaliação: Par de Estágio

Anexo XI – Atividade nº 5: Peça de Fantoches “Olha o que eu encontrei”

Atividade	Empenhamento do adulto (Estimulação)	Níveis (média)	Envolvimento da criança	Níveis (média)	Registo Fotográfico
<p>Após o lanche solicitamos à auxiliar da sala para levar todas as crianças para o pavilhão, onde está tudo preparado (colchões para as criança se sentarem e fantocheiro). Quando as crianças entram e no fim de sentadas começamos a contar uma história com fantoches “Olha o que eu encontrei?” relacionada com a educação para o consumo, tema que temos vindo a trabalhar.</p>	<p>Realizei um pequeno teatro de fantoches, em conjunto com a minha colega de estágio relacionado com o tema educação para o consumo que temos vindo a trabalhar na nossa sala. Ao longo da peça os fantoches foram intervindo com as crianças, fazendo algumas questões sobre o poupar a água e a eletricidade. (anexo III)</p> <hr/> <p>Depois de terminar a peça fomos para a sala com as crianças elas nem nos deixaram perguntar nada e disseram logo: Percebemos que as crianças não nos tinham identificado.</p>	4	<p>As crianças ao longo da peça de fantoches estiveram concentradas e atentas à mesma, mostrando entusiasmo e euforia quando os fantoches as abordavam ao longo da peça. As crianças riram, teciam comentários umas com as outras.</p> <p>(energia, concentração, expressão facial e postura, persistência, tempo de reação, linguagem, satisfação – indicadores de envolvimento)</p> <hr/> <p>- “Qual de vocês é que era o avô Historinhas, e o Pitó?” - “A Carla era o avô...” - “Não, era o Pitó” - “Digam lá quem eram...para nós sabermos”</p>	4	 <p>The top photograph shows a puppet show in progress. A red bird-like puppet and a brown bear-like puppet are visible on a stage. The bottom photograph shows a group of children sitting on the floor, attentively watching the performance.</p>

	<p>Questionamos as crianças se tinham aprendido alguma coisa com os fantoches e elas disseram: Eu fui intervindo:</p> <p>-“Boa..., todos devem de lavar assim os dentes em casa, assim poupam água.”</p> <p>- “Como é que ensinou a poupar energia”</p> <p>- “Qual é o nome das lâmpadas, lembram-se?”</p> <p>-“Lâmpadas economizadoras”</p> <p>- “Isso mesmo”</p>	<p>- “Gostei muito dos fantoches”</p> <p>As crianças responderam:</p> <p>-“O avô Historinhas ensinou-nos a poupar água quando lavamos os dentes e também ensinou ao Pitó, que era o amigo dele”</p> <p>- “ Eu já lavo os dentes como o avô ensinou ao Pitó”, já estou a poupar água, não estou Carla?</p> <p>- “ Ensinou a poupar energia.”</p> <p>- “Mostrou as lâmpadas que já tínhamos visto no filme”</p> <p>-“ Lâmpadas económicas”</p> <p>-“Como as que nós levámos para casa.”</p> <p>(linguagem, concentração, tempo de reação, satisfação, energia, expressão facial e postura – indicadores de envolvimento).</p>	
--	--	---	--

Anexo XII – Avaliação do Envolvimento das Crianças na Atividade nº 5

Avaliação do Envolvimento das Crianças

Descrição da atividade	Crianças	Níveis de Envolvimento da Criança					Indicadores de envolvimento da criança
		Atividade intensa prolongada	Atividade contínua com momentos de grande intensidade	Atividade quase contínua	Atividade frequentemente interrompida	Sem atividade	
		5	4	3	2	1	
- Após o preenchimento da grelha reunimos todas as crianças no tapete e dizemos que hoje irão conhecer duas novas personagens pedimos a todos que fechem os olhos e começamos a contar uma história "Olha o que eu encontrei?" fantoches, relacionada com a educação para o consumo, tema que temos vindo a trabalhar.	D.		X				<ul style="list-style-type: none"> - Energia - Concentração - Complexidade e criatividade - Expressão facial e postura - Persistência - Precisão - Tempo de Reação - Linguagem - Satisfação
	E.		X				
	F.		X				
	L.		X				
	S.1		X				
	S.2		X				
Observações:							

Adulto responsável pela avaliação: Educadora Cooperante

Anexo XIII – Peça de Fantoques “Olha o que eu encontrei”

Peça de Fantoques

“Olha o que eu encontrei”

Personagens:

Avô Historinhas – Carla Pereira

Pitó – Ana Margarida

Historinhas – Ola meninos e meninas! Como estão? Por acaso encontraram por ai o meu amigo Pitó? Sabem, é que ele ligou-me a dizer que queria muito falar comigo.

Pitó – Olaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Boa tarde a todos! Estou muito, muito feliz! Sabes porquê Historinhas?

Historinhas – Não, diz lá porquê?

Pitó – Porque tinha saudades tuas, já não te via á muito tempo!

Historinhas – Obrigada Pitó, eu também tinha saudades tuas!

Pitó: Olha, sabes uma coisa? Recebi uma prenda da minha mãe! Queres ver?

Historinhas: (muito calmamente e muito baixinho) Sim quero.

Pitó: Tás a ouvir??? Cada vez estás mais velho! Fala alto Historinhas!

Historinhas – Não digas isso Pitó, não se fala assim para as pessoas mais velhas.

Pitó – Desculpa (diz envergonhado)

Historinhas: Então vai lá buscar a prenda que recebeste...

Pitó – Está bem! Até já!

Pitó – (entra com uma gigante escova de dentes) Ai ai ai que prenda gigante! Tás a ver Historinhas?

Historinhas – Heeeee que grande escova de dentes!

Pitó – Claro, tenho uns dentes grandes! E tu olha aqui (abre a boca) tás a ver os meus dentes muito brancos? Mostra lá os teus dentes!

Historinhas – Ó Pitó, não sejas palerma, eu já não tenho dentes!

Pitó – Haaa pois é, já és velhinho! Desculpa Historinhas.

Historinhas – Olha, tu sabes como deves de lavar os dentes

Pitó – Sei mais ou menos...

Historinhas – Então eu vou explicar-te (explica como devemos poupar água durante a lavagem dos dentes, e questiona as crianças se fazem ou não da maneira como explicou)

Pitó – Obrigada Historinhas, nunca mais me vou esquecer!

Pitó – Olha vou guardar a minha escova de dentes! (sai de cena)

Historinhas – Então vai lá.

Pitó – (Aparece muito aflito e quase a chorar)

Historinhas – O que se passa Pitó? O que aconteceu?

Pitó – Eu fui guardar a minha escova de dentes e quando vinha para aqui, para aqui, para aqui...

Historinhas – (Interrompe) Vinha para aqui, e depois? O que aconteceu?

Pitó – Vi uma coisa!!!! E tive medo!

Historinhas – Uma coisa?? Tiveste medo?

Pitó – Sim, era uma coisa branca e pequena, e estava caída no chão. Ó Historinhas podes ir lá ver?

Historinhas – Sim eu vou lá! Até já

Pitó – Tem cuidado!! Muito cuidado!

Historinhas – (entra com a lâmpada partida) Não me digas que tiveste medo desta lâmpada?

Pitó – Uma lâmpada? Então isso é uma lâmpada?

Historinhas – Sim, é uma lâmpada. Mas sabes uma coisa Pitó? Não é esta lâmpada que devemos de utilizar. Devemos de utilizar lâmpadas economizadoras!

Pitó – Eco o quê?? Que nome esquisito!

Historinhas – Economizadoras! Que quer dizer que gasta menos energia! Mas olha, eu tenho ali uma lâmpada economizadora, vou buscar para tu veres!

Pitó – Boaaaaa

Historinhas – Olha aqui. São estas as lâmpadas que devemos de utilizar. E vocês meninos? Sabiam que é esta as lâmpadas que devem de usar lá em casa?

(Falam um pouco com as crianças)

Pitó – Sabes uma coisa Historinhas?

Historinhas – Não, diz lá...

Pitó – Cada vez que venho ter contigo aprendo coisas novas! Obrigado Historinhas!

Historinhas – Ainda bem Pitó. Olha eu agora tenho que ir para casa, dói-me muito as pernas, já não aguento mais!

Pitó – Então vamos dizer adeus aos meninos.

(Os fantoches despedem-se das crianças e saem de cena)